D-ARTE

REVISTA D-ARTE

O LUGAR DE TODAS AS ARTES

EDIÇÃO #42

OUT 2026

ARTE / CULTURA / TECNOLOGIA / NOVOS TEMPOS



ICAB
INSTITUTO CULTURAL ARTE BRASIL

Pode, Chefe? PODCAST

NAC
NÚCLEO AUDIOVISUAL DE CAMBÉ

AWR
ALL WORLD ROOTS
TODAS AS RAÍZES DO MUNDO
CELEBRANDO A DIVERSIDADE CULTURAL



Pensamento Livre

BATUQUE Na Caixa 25 Anos



OFICINAS DE MÚSICA, TEATRO, LEITURA, CAPOEIRA E DANÇA

BA - ES - PR - SE - SP

acompanhe as oficinas em:

www.batuquenacaixa.blogspot.com

REALIZAÇÃO:

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

J.Macêdo
O sabor de fazer bem feito

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Ajude a realizar a Enciclopédia Visual do Acervo D-ARTE!

A ARTE PRECISA SER PRESERVADA!

Olá! Estamos iniciando uma campanha muito especial para a Revista D-ARTE.

Desde 2019, a Revista D-ARTE vem abrindo espaço para artistas, obras e diferentes linguagens da arte contemporânea.

Agora queremos transformar essa trajetória em uma coleção histórica: a ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO D-ARTE, com 12 fascículos reunindo artistas e gêneros publicados entre 2019 e 2026. Queremos produzir a Enciclopédia Visual do Acervo D-ARTE, em uma coleção de 12 fascículos que reunirá artistas e gêneros publicados pela revista entre 2019 e 2026.

Nossa meta é arrecadar para organizar e publicar esse acervo, disponibilizando gratuitamente a coleção digital e destinando exemplares impressos selecionados a espaços culturais e instituições.

Você pode ajudar com qualquer valor ou compartilhando a campanha. Acreditamos que preservar a memória artística é uma responsabilidade coletiva.

click aqui para apoiar

Apoie e compartilhe: https://www.vakinha.com.br/usuario/vaquinha/ajude-a-realizar-a-enciclopedia-visual-do-acervo-d-arte/painel

REVISTA

D-ARTE

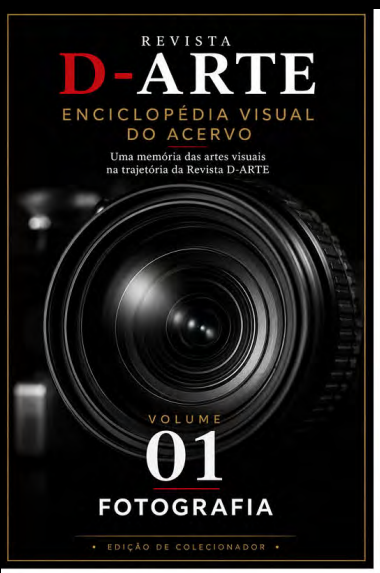
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO

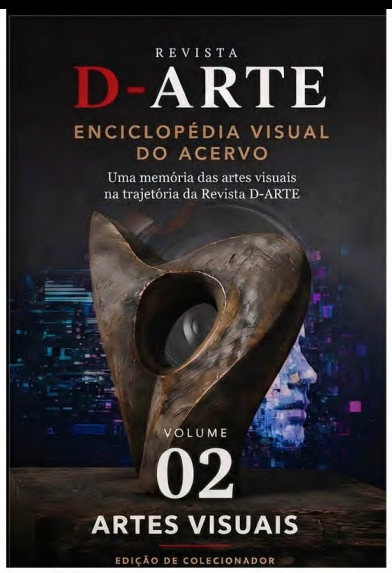
Uma memória das artes visuais
na trajetória da Revista D-ARTE

COLEÇÃO OFICIAL

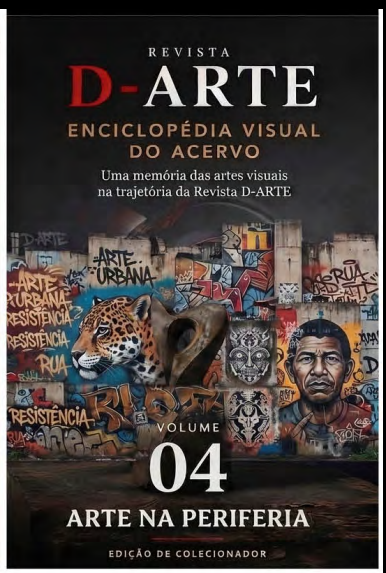
MEMÓRIA • ARTE • TRAJETÓRIA
DIVERSIDADE • CRIAÇÃO • CULTURA

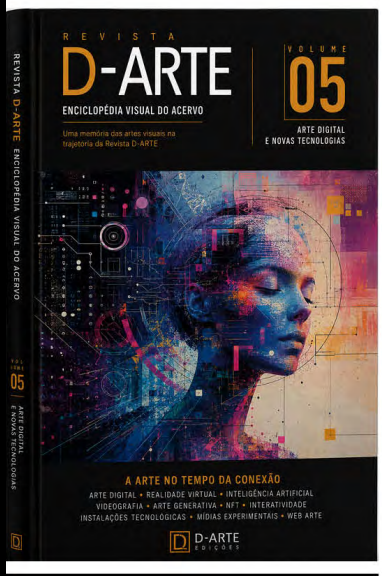
EDIÇÃO DE COLECIONADOR

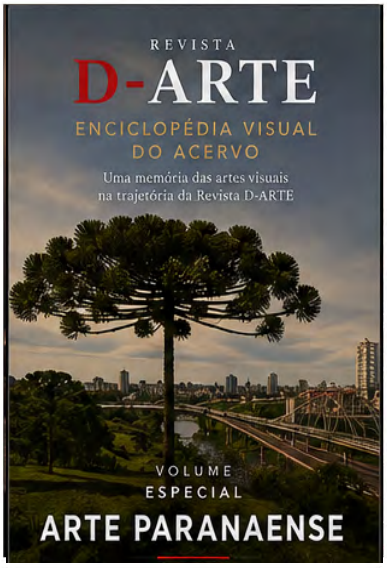

REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
01
FOTOGRAFIA
• EDIÇÃO DE COLECIONADOR •


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
02
ARTES VISUAIS
EDIÇÃO DE COLECIONADOR

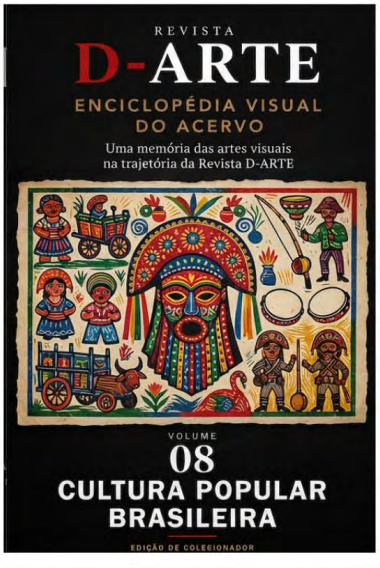

REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
03
MÚSICA
• EDIÇÃO DE COLECIONADOR •


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
04
ARTE NA PERIFERIA
EDIÇÃO DE COLECIONADOR


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
VOLUME
05
ARTE DIGITAL E NOVAS TECNOLOGIAS
A ARTE NO TEMPO DA CONEXÃO
ARTE DIGITAL • REALIDADE VIRTUAL • INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
VIDEOGRAFIA • ARTE GENERATIVA • NFT • INTERATIVIDADE
INSTALAÇÕES TECNOLÓGICAS • MÍDIAS EXPERIMENTAIS • WEB ARTE
D-ARTE EDIÇÕES

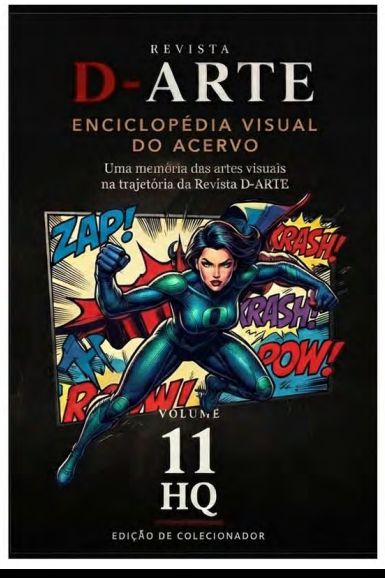

REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
ESPECIAL
ARTE PARANAENSE

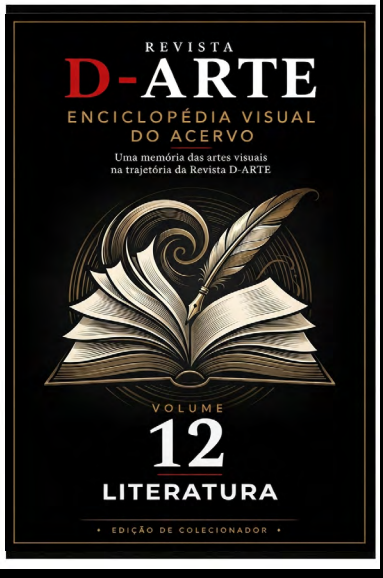

REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
07
VOLUME
MULHERES NAS ARTES


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
08
CULTURA POPULAR BRASILEIRA
EDIÇÃO DE COLECIONADOR


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
09
CINEMA
EDIÇÃO DE COLECIONADOR


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
10
DANÇA E TEATRO
EDIÇÃO DE COLECIONADOR


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
ZAP!
KRASH!
KRASH!
POW!
VOLUME
11
HQ
EDIÇÃO DE COLECIONADOR


REVISTA
D-ARTE
ENCICLOPÉDIA VISUAL DO ACERVO
Uma memória das artes visuais na trajetória da Revista D-ARTE
VOLUME
12
LITERATURA
• EDIÇÃO DE COLECIONADOR •

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista , que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Nossas Redes:

https://www.instagram.com/dartelondrina/
https://www.facebook.com/

Expediente:
Editor Chefe - Wilson Inacio
Jornalista responsável: Aldo Moraes
Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony
Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

ISBN - 978-65-999129-0-0

NOVEMBRO AZUL

MÊS NACIONAL DE CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA NO SUS

PREVINA-SE!



- HOMENS A PARTIR DE 50 ANOS
- HISTÓRICO FAMILIAR? A PARTIR DE 45 ANOS
- PROCURE SUA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE
- EXAMES INICIAIS NO SUS (PSA E TOQUE)

Apoio Cultural

ICAB INSTITUTO CULTURAL ARTE BRASIL

25 BATUQUE NA CAIXA

D-ARTE REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Pode, Chefe? PODCAST

O CÂNCER DE PRÓSTATA PODE SER CURADO. DETECTE CEDO!

Ministério da Saúde | SUS

@minsaude | #NovembroAzulSUS

D-ARTE



A FUGA

Ou a crônica de uma partida

Há momentos na história em que os poderosos descobrem que não são tão poderosos assim. É quando o tabuleiro muda, as peças perdem suas posições e o jogador, antes acostumado a ditar as regras, começa a procurar uma saída.

Toda partida tem seus movimentos. Alguns são calculados, outros impulsivos. Há quem avance acreditando ser invencível, quem sacrifique peças em nome de uma estratégia maior e quem, diante da derrota iminente, simplesmente abandone o jogo.

A fuga, nesse contexto, é mais do que um deslocamento geográfico. É um gesto político, uma confissão involuntária, uma tentativa de escapar das consequências dos próprios atos. Quem foge leva consigo a memória da partida, mas não consegue carregar o tabuleiro inteiro.

O mundo assiste a uma disputa que ultrapassa fronteiras. Bandeiras tremulam, alianças são negociadas, discursos inflamados atravessam oceanos e interesses econômicos se escondem atrás de palavras como liberdade, segurança e democracia. Enquanto isso, milhões de pessoas continuam sendo as peças mais vulneráveis desse jogo.

As grandes potências ainda acreditam que podem mover o planeta como um tabuleiro particular. Mas a história não obedece eternamente aos mesmos jogadores. Novas forças emergem, antigas hegemonias são questionadas e países que antes ocupavam posições secundárias reivindicam o direito de participar das decisões.

O Brasil, nesse cenário, tem uma escolha histórica: ser peça movimentada por interesses externos ou assumir o próprio lugar no tabuleiro. Soberania não é isolamento. É capacidade de dialogar sem submissão, negociar sem entregar princípios e construir caminhos sem pedir autorização aos donos do jogo.

Talvez a maior ironia das disputas de poder seja esta: aqueles que se apresentam como donos do destino alheio frequentemente terminam prisioneiros das próprias estratégias.

E há uma diferença fundamental entre vencer uma partida e destruir o adversário. A primeira exige inteligência; a segunda, quase sempre, revela apenas a incapacidade de conviver com a derrota.

A fuga, portanto, pode ser o último movimento de quem já não consegue sustentar a própria posição. Mas também pode representar o início de outra jornada.

No fim, o tabuleiro permanece. As peças mudam de lugar, os reis deixam seus tronos, as fronteiras se redesenham e o mundo continua em movimento.

A história, entretanto, não termina quando alguém abandona a partida.

Ela começa novamente quando outros decidem jogar.

Wilson Inácio

Funarte lança duas chamadas públicas para a fotografia brasileira



Com inscrições abertas até 18 de dezembro, Seleção Marc Ferrez e Bolsa Solange Zúñiga vão contemplar 27 propostas de criação, pesquisa e preservação fotográfica

Fundação Nacional de Artes (Funarte), vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), abre inscrições para duas chamadas públicas voltadas à fotografia brasileira. A XVIII Seleção Funarte Marc Ferrez de Fotografia e a IV Bolsa Funarte de Estímulo à Conservação Fotográfica Solange Zúñiga, integrante do Programa Funarte Brasil das Artes - Memória das Artes, somam R$ 1,464 milhão em investimentos e vão contemplar 27 propostas de fotógrafos, pesquisadores e outros agentes desse campo. As inscrições ficam abertas até 18 de dezembro de 2026, às 18h (horário de Brasília).

Os dois mecanismos contemplam diferentes dimensões do campo fotográfico. A Seleção Marc Ferrez destina R$ 900 mil a projetos de criação artística, fotografia documental, fotojornalismo e pesquisa crítica. Já a Bolsa Solange Zúñiga prevê R$ 564 mil para estudos sobre conservação, restauração, digitalização e preservação de acervos fotográficos. Juntas, as iniciativas articulam o estímulo à produção contemporânea e o desenvolvimento de conhecimentos essenciais à preservação da memória fotográfica brasileira.

“A Funarte tem uma longa e importante história na estruturação do campo da fotografia no Brasil. Ao reunir essas duas chamadas em um mesmo lançamento agora, com um investimento que vai contemplar diferentes agentes e elos desse campo, reconhecemos que produzir novas imagens, pesquisar a linguagem e preservar seus registros são atividades que precisam de continuidade e investimento público, ampliando as oportunidades para fotógrafos e pesquisadores e ainda o acesso da sociedade à fotografia brasileira”, destaca o presidente da Funarte, Leonardo Lessa.

Acesse aqui a página da chamada XVIII SELEÇÃO FUNARTE MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

Acesse aqui a página da chamada IV BOLSA FUNARTE DE ESTÍMULO À CONSERVAÇÃO FOTOGRÁFICA SOLANGE ZÚÑIGA

Uma trajetória de apoio à fotografia brasileira

A atuação da Funarte nesse campo remonta aos anos 1970. Em 1979, foi criado o Núcleo de Fotografia, depois transformado no Instituto Nacional de Fotografia (INFoto). A partir de 1982, surgiram as Semanas Nacionais de Fotografia da Funarte, realizadas anualmente, em cidades diferentes de cada região brasileira, para fomentar a descentralização das atividades fotográficas no Brasil.

Ainda na década de 1980, foi criado o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF), que se tornou referência na pesquisa, na formação de profissionais e na difusão de métodos de preservação de acervos. Em 1984, a Fundação lançou a Bolsa Marc Ferrez, uma das iniciativas pioneiras de fomento público à fotografia no Brasil. Entre os resultados desse trabalho, está a coleção Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica, que, ao longo de décadas, tem contribuído para a formação de uma bibliografia especializada em conservação e preservação fotográfica no Brasil.

E essa história está diretamente ligada a Solange Zúñiga, pesquisadora e gestora, doutora em Ciência da Informação, que dirigiu os antigos departamentos de Artes e de Pesquisa e Documentação da Funarte. Ela foi responsável pela concepção, desenvolvimento e coordenação do Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia, do qual se originou o CCPF.

Ao reunir e lançar novas edições desses dois mecanismos, a Funarte dá continuidade a uma atuação que alcança tanto a criação e a circulação de imagens quanto sua conservação e permanência como patrimônio cultural.

Criação, circulação e pesquisa: Seleção Marc Ferrez

Em sua 18ª edição, a Seleção Funarte Marc Ferrez de Fotografia vai contemplar 15 propostas, com apoio de R$ 60 mil para cada uma, distribuídas igualmente entre três modalidades.

A primeira, Livre Criação Fotográfica, é destinada a projetos que experimentem a fotografia como expressão artística, incluindo a experimentação de linguagens e procedimentos de criação. A segunda, Fotojornalismo e Documentário, contempla trabalhos voltados ao registro de aspectos sociais, culturais, ambientais e patrimoniais da realidade brasileira. Nas duas modalidades, as propostas selecionadas deverão resultar em exposições presenciais de, no mínimo, 15 fotografias, abertas gratuitamente ao público por pelo menos 30 dias.

A terceira modalidade, Produção de Reflexão Crítica, é voltada a pesquisas teóricas, históricas, críticas ou acadêmicas sobre fotografia. Nesse caso, os projetos deverão resultar na publicação de um livro impresso, destinado a distribuição gratuita.

A chamada busca estimular a diversidade da produção fotográfica brasileira, promover o encontro entre obras e públicos e incentivar a pesquisa e a circulação de conhecimentos sobre essa linguagem artística. Ela homenageia Marc Ferrez (1843–1923), considerado um dos principais nomes da fotografia brasileira do século XIX. Conhecido especialmente por suas paisagens e imagens panorâmicas do Rio de Janeiro, produzidas com equipamentos e negativos de grande formato, Ferrez também se dedicou à pesquisa de técnicas e processos fotográficos, deixando uma extensa documentação visual do Brasil de sua época.

Preservação da memória: Bolsa Solange Zúñiga

A IV Bolsa Funarte de Estímulo à Conservação Fotográfica Solange Zúñiga vai conceder 12 bolsas culturais, no valor de R$ 47 mil cada, para propostas que contribuam com a produção e a difusão de conhecimentos técnicos sobre conservação e preservação fotográfica. A seleção contempla ações e estudos sobre conservação e restauração fotográfica no Brasil; digitalização e preservação digital de acervos fotográficos no Brasil; processos fotográficos históricos dos séculos XIX e XX; ou gestão da preservação de acervos fotográficos no Brasil.

As propostas poderão abordar experiências e acervos de instituições públicas e privadas, além de desenvolver estudos relacionados ao acervo do Centro de Documentação e Pesquisa - CEDOC Funarte, conforme as modalidades previstas no regulamento.

Os trabalhos selecionados devem resultar em textos técnicos de autoria individual ou coletiva, com 80 a 100 laudas, seguindo o modelo dos volumes 6 a 9 da coleção Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica da Funarte. Os materiais podem ser publicados pela Fundação, contribuindo para ampliar a bibliografia de referência disponível a profissionais, estudantes e pesquisadores da área.

A iniciativa integra o Programa Funarte Brasil das Artes - Memória das Artes e dá continuidade ao trabalho de pesquisa, formação e difusão de conhecimentos desenvolvido pela Fundação no campo da conservação fotográfica.

Inscrições até 18 de dezembro

As duas chamadas recebem inscrições de 3 de novembro às 18h de 18 de dezembro de 2026, exclusivamente pela internet, por meio das plataformas indicadas nas respectivas páginas no site da Funarte.

Podem apresentar propostas pessoas físicas maiores de 18 anos e pessoas jurídicas de direito privado de natureza cultural, com ou sem fins lucrativos, além de empresários individuais (EI) e microempreendedores individuais (MEI), observadas as condições estabelecidas em cada regulamento.

Ambas as seleções preveem distribuição regional de recursos, com destinação mínima para cada uma das cinco regiões brasileiras, condicionada ao atendimento dos critérios de seleção. Também estabelecem reservas de recursos de, no mínimo, 20% para propostas com concorrente pessoa negra ou grupo composto por maioria de pessoas negras; 10% para propostas cujo(a) concorrente seja pessoa indígena ou grupo composto por maioria de pessoas indígenas; e 10% para propostas cujo(a) concorrente seja pessoa com deficiência ou grupo composto por maioria de pessoas com deficiência.

As iniciativas integram as ações de implementação da Política Nacional das Artes (PNA) e dos Programas Brasil das Artes, no âmbito do Ministério da Cultura, e contemplam diferentes etapas da produção e da preservação fotográfica no país.

Categoria
Cultura, Artes, História e Esportes
Tags: Funarte

Indumentária de Mãe Bernadete é doada ao Museu Nacional

Ialorixá quilombola foi assassinada em 2023 Cristina Indio do Brasil – Repórter da Agência Brasil

https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2026-10/indumentaria-de-mae-bernadete-e--doada-ao-museu-nacional



O Museu Nacional no Rio de Janeiro passou a ter em seu acervo uma peça de uso pessoal da ialorixá Mãe Bernadete, líder da Comunidade Quilombola de Pitanga de Palmares, assassinada em 2023. A comunidade fica na cidade de Simões Filho, Região Metropolitana de Salvador, Bahia.

A doação de uma indumentária – um vestido branco com detalhes em azul –, foi feita pelo professor Jurandy Pacífico dos Santos, filho da ialorixá, durante a 3ª edição do Diálogos da Reconstrução, com o tema Memórias, Saberes e Patrimônios Quilombolas no Museu Nacional, que ocorreu nesta semana na instituição, localizada em São Cristóvão, Zona Norte do Rio.

"[A iniciativa] integra a proposta de reconhecer e preservar as memórias, os saberes e as práticas das comunidades quilombolas como patrimônios vivos, ampliando as possibilidades de representação dessas histórias na instituição", informou a instituição.

Jurandy Pacífico dos Santos informou que foi consultado por representantes do Museu sobre a possibilidade de doar uma peça de Mãe Bernadete para o histórico espaço cultural. Ele concordou e escolheu a indumentária que para ele representa mais que uma roupa.

"A doação da indumentária, não é apenas a

O Museu Nacional no Rio de Janeiro passou a ter em seu acervo uma peça de uso pessoal da ialorixá Mãe Bernadete, líder da Comunidade Quilombola de Pitanga de Palmares, assassinada em 2023. A comunidade fica na cidade de Simões Filho, Região Metropolitana de Salvador, Bahia.

A doação de uma indumentária – um vestido branco com detalhes em azul –, foi feita pelo professor Jurandy Pacífico dos Santos, filho da ialorixá, durante a 3ª edição do Diálogos da Reconstrução, com o tema Memórias, Saberes e Patrimônios Quilombolas no Museu Nacional, que ocorreu nesta semana na instituição, localizada em São Cristóvão, Zona Norte do Rio.

"[A iniciativa] integra a proposta de reconhecer e preservar as memórias, os saberes e as práticas das comunidades quilombolas como patrimônios vivos, ampliando as possibilidades de representação dessas histórias na instituição", informou a instituição.

Jurandy Pacífico dos Santos informou que foi consultado por representantes do Museu sobre a possibilidade de doar uma peça de Mãe Bernadete para o histórico espaço cultural. Ele concordou e escolheu a indumentária que para ele representa mais que uma roupa.

"A doação da indumentária, não é apenas a doação de um objeto. Aquilo não se trata de um objeto. Se trata além disso. Se trata de ancestralidade. Se trata de uma mulher que dedicou 72 anos de sua vida para a defesa dos Direitos Humanos, dos quilombos e do território. Aquela indumentária para a gente de comunidade quilombola é a questão de manter a memória de Mãe Bernadete viva", afirmou em entrevista à Agência Brasil.

O gestor cultural e líder do Quilombo Pitanga de Palmares acrescentou que o fato de a indumentária de sua mãe estar no Museu Nacional fortalece ainda mais a cultura afro-brasileira e a memória desse povo que, conforme disse, sempre foi humilhado e sofrido.

"Sempre foi não reconhecido pelo sistema. Isso é um reconhecimento. É o resgate da memória, a permanência dessa memória e o empoderamento desse povo", concluiu.

Em texto escrito por ele e encaminhado à Agência Brasil, o filho de Mãe Bernadete, destacou que para a Comunidade Quilombola de Pitanga de Palmares a doação significa ultrapassar os limites do território e levar a história, os conhecimentos ancestrais e a identidade quilombola para um dos mais importantes espaços de preservação científica, histórica e cultural do Brasil:

"Ao integrar o acervo do Museu Nacional, a indumentária passa a contribuir para que futuras gerações, pesquisadores e visitantes conheçam não apenas a trajetória de Mãe Bernadete, mas também a história de resistência dos povos quilombolas e das comunidades tradicionais."

De acordo com o filho de Mãe Bernadete, não se trata apenas da doação de uma roupa. "Estamos compartilhando com o Brasil e com o mundo um pedaço da nossa história, da nossa ancestralidade e da luta de um povo que continua resistindo. A memória de Mãe Bernadete permanece viva, porque seu legado continua!", completou.



Rio de Janeiro – Assinatura do termo de doação da indumentária de Mãe Bernadete pelo seu filho Jurandy Pacífico dos Santos - Felipe Cohen/ Projeto Museu Nacional Vive

Jurandy afirmou que para os familiares, especialmente para os filhos, netos e descendentes, a entrega da roupa representa a continuidade de uma história que não terminou com a morte da líder da Comunidade Quilombola de Pitanga de Palmares. É também uma maneira de preservar a memória de uma mãe, uma mulher negra, quilombola, ialorixá e defensora dos direitos humanos, cuja trajetória foi marcada pela luta, pela resistência e pelo compromisso com seu povo.

"A indumentária deixa de ser apenas uma peça de vestuário e passa a ser um patrimônio de memória, carregado de identidade, espiritualidade, afeto e representatividade", concluiu.

Assassinato

Mãe Bernadete foi assassinada em 17 de agosto de 2023 no Quilombo Pitanga de Palmares, em Simões Filho, na Bahia. Os assassinos entraram na casa em que ela estava com os netos e dispararam 25 vezes, a maioria dos tiros no seu rosto.

Na época, a promotoria entendeu que o motivo foi a atuação da líder quilombola contra a expansão do tráfico de drogas na comunidade.

Mãe Bernadete estava no programa de proteção desde 2017, ano em que seu filho, Binho do Quilombo, foi assassinado.

Encontro

A 3ª edição do Diálogos da Reconstrução pelo Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), contou com o Projeto Museu Nacional Vive, a Unesco, a UFRJ e o Instituto Cultural Vale.

A intenção, segundo o Museu Nacional, foi promover o diálogo com lideranças quilombolas de diferentes regiões do país "sobre a preservação da memória, a produção cultural e a transmissão de conhecimentos, contribuindo para a construção de um museu plural e democrático".

"O encontro trata os saberes, as práticas e as narrativas quilombolas como patrimônios vivos. A proposta é refletir coletivamente sobre como musealizar essas memórias e como o Museu Nacional pode contribuir para valorizá-las e difundi-las".

O encontro foi transmitido ao vivo pelo canal oficial do Museu Nacional no YouTube. Clique aqui e acompanhe.

Na visão da diretora de Integração Museu e Sociedade do museu, Thais Mayumi Pinheiro, é importante ouvir as lideranças quilombolas para saber como querem estar presentes no Museu.

"Entender como os produtores e detentores de conhecimentos tradicionais querem se ver representados no Museu Nacional e, assim, reforçar o compromisso da instituição com a construção de um museu plural e democrático", observou.

O gestor das novas exposições do Projeto Museu Nacional Vive (PMNV), Caio Gonçalves Dias, destacou que quando uma mestra ceramista ou uma tecelã quilombola compartilha seu ofício, ela está transmitindo uma forma de conhecer o mundo.

"O papel do museu e o compromisso do PMNV é criar condições para que esses saberes sejam reconhecidos, respeitados e apresentados como as próprias comunidades entendem que devem ser", definiu.



Rio de Janeiro – 3ª edição do Diálogos da Reconstrução pelo Museu Nacional - Felipe Cohen/Projeto Museu Nacional Vive

Manno Góes: a voz de um artista que decidiu se posicionar em defesa de Margareth Menezes

O compositor baiano questiona a mobilização pela saída da ministra e coloca em evidência uma questão fundamental: a cultura brasileira não possui uma única voz.



REPORTAGEM • MÚSICA • CULTURA • POLÍTICA

Em um momento em que a permanência de Margareth Menezes no Ministério da Cultura passou a ser questionada por uma mobilização de artistas, uma manifestação pública chamou atenção por apresentar uma perspectiva diferente.

O cantor, compositor e escritor baiano Manno Góes decidiu sair em defesa da ministra.

Conhecido por sua trajetória na música brasileira, especialmente por sua participação no Jammil e Uma Noites e pela composição de canções que alcançaram grande popularidade, Manno não se limitou a acompanhar a repercussão da polêmica.

Ele resolveu se posicionar.

Sua manifestação questionou a mobilização pela saída de Margareth Menezes e trouxe para o debate uma interpretação diferente sobre a relação entre a ministra, os artistas e as negociações em torno do chamado PL do Streaming.

A atitude ganha importância porque parte de um artista que conhece diferentes dimensões da produção cultural: a criação musical, os direitos autorais, a circulação das obras e as relações entre cultura e mercado.

Manno Góes não é apenas um intérprete que manifesta uma opinião sobre política.

É um compositor que construiu uma trajetória profissional dentro da indústria musical brasileira, participou de projetos que alcançaram grande público e também desenvolveu sua produção literária.

Sua manifestação, portanto, merece ser compreendida dentro dessa experiência.

Ao defender Margareth Menezes, Manno questiona uma interpretação da polêmica e coloca em evidência a existência de diferentes posições dentro da comunidade artística.

A discussão deixa de ser exclusivamente sobre a permanência de uma ministra.

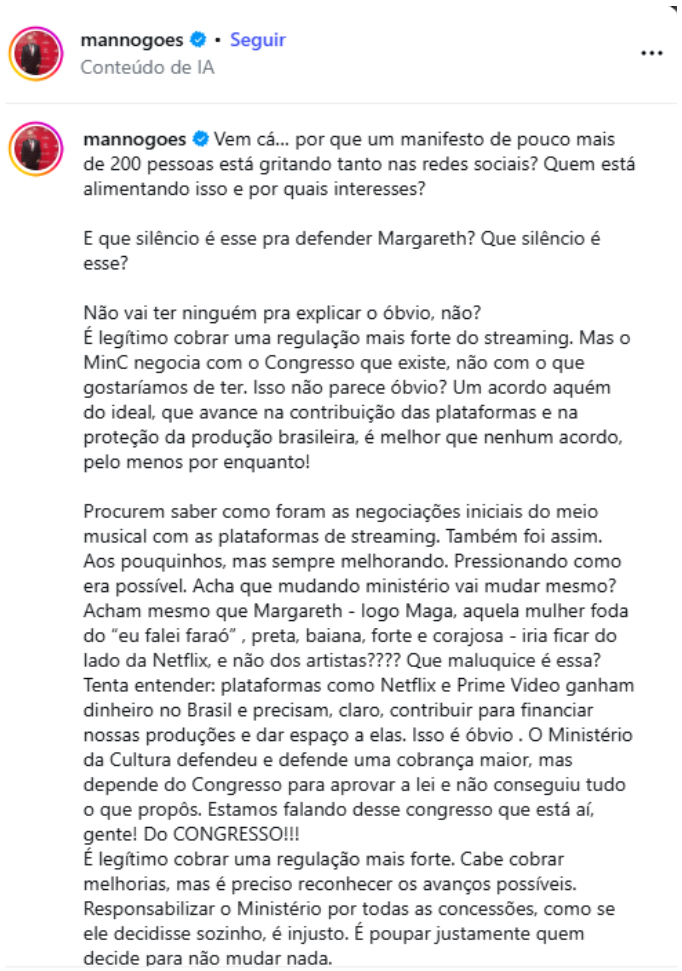
Passa a ser também sobre o direito de um artista apresentar sua própria leitura dos acontecimentos, mesmo quando essa posição contraria uma mobilização que ganhou visibilidade.

É a partir dessa atitude que a Revista D-ARTE propõe olhar para a trajetória de Manno Góes e para os argumentos que o levaram a defender a continuidade de Margareth Menezes no Ministério da Cultura.



Foto: Valter Campanato/Agência Brasil




mannogoes • Seguir
Conteúdo de IA

mannogoes Vem cá... por que um manifesto de pouco mais de 200 pessoas está gritando tanto nas redes sociais? Quem está alimentando isso e por quais interesses?

E que silêncio é esse pra defender Margareth? Que silêncio é esse?

Não vai ter ninguém pra explicar o óbvio, não?
É legítimo cobrar uma regulação mais forte do streaming. Mas o MinC negocia com o Congresso que existe, não com o que gostaríamos de ter. Isso não parece óbvio? Um acordo aquém do ideal, que avance na contribuição das plataformas e na proteção da produção brasileira, é melhor que nenhum acordo, pelo menos por enquanto!

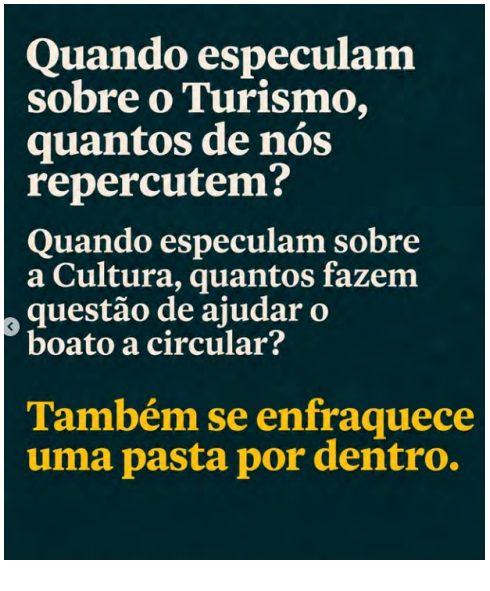
Procurem saber como foram as negociações iniciais do meio musical com as plataformas de streaming. Também foi assim. Aos pouquinhos, mas sempre melhorando. Pressionando como era possível. Acha que mudando ministério vai mudar mesmo? Acham mesmo que Margareth - logo Maga, aquela mulher foda do "eu falei faraó" , preta, baiana, forte e corajosa - iria ficar do lado da Netflix, e não dos artistas???? Que maluquice é essa? Tenta entender: plataformas como Netflix e Prime Video ganham dinheiro no Brasil e precisam, claro, contribuir para financiar nossas produções e dar espaço a elas. Isso é óbvio . O Ministério da Cultura defendeu e defende uma cobrança maior, mas depende do Congresso para aprovar a lei e não conseguiu tudo o que propôs. Estamos falando desse congresso que está aí, gente! Do CONGRESSO!!!
É legítimo cobrar uma regulação mais forte. Cabe cobrar melhorias, mas é preciso reconhecer os avanços possíveis. Responsabilizar o Ministério por todas as concessões, como se ele decidisse sozinho, é injusto. É poupar justamente quem decide para não mudar nada.













A Ministra da cultura Margareth Menezes teve agenda cultural e institucional em Aracaju/Sergipe, na sexta-feira, 2 de outubro de 2026.



A Ministra da cultura Margareth Menezes teve agenda cultural e institucional em Aracaju/Sergipe, na sexta-feira, 2 de outubro de 2026.

As 9h ela visitou o Centro de Criatividade acompanhada da primeira-dama Érica Mitidieri, do secretário de Estado da Cultura, Valadares Filho, do Presidente da Fundação Estadual de Cultura Gustavo Paixão e da comunidade cultural. O Centro de criatividade passou por revitalização recente.

Às 9h30, a ministra participou de um encontro com representantes da comunidade cultural no Espaço Maloca, um dos mais antigos quilombos urbanos do Brasil e certificou o espaço como ponto de cultura.

Com o tema "Cultura como vetor de transformação social e garantia de direitos", a atividade teve como pauta o diálogo sobre cultura, direitos e políticas culturais, reunindo artistas, produtores e gestores de diferentes linguagens artísticas. O evento contou com a presença dos 6 agentes territoriais de Sergipe (Aldo Moraes, Eleniwton, José Canoa, Anderson Placido, Yanna, Andrei Ferreira) e do coordenador Otacilio Cerqueira.

A Ministra finalizou a agenda visitando o Espaço Gonzagão, que também passou por reformas e revitalização. Lá concedeu entrevista e dialogou com o setor sobre as ações do MinC, do Programa Nacional dos Comitês de Cultura e a importância da Política Nacional Aldir Blanc para municípios e estados bem como a inédita descentralização no repasse de recursos para arte e cultura.

Fotos/ Jornal Sergipe Diário/ Rafael Ramos (DRT 0003116/SE — SINAJ, Sindicato Nacional dos Jornalistas)

Divulgação







Por editais mais eficazes, justos e inclusivos



Gabriel Faryas no espetáculo CorpoCidade | Crédito: Foto: Gabriehl Oliveira

OutrasPalavras
Outra Política
Por Célio Turino
Publicado 23/11/2026 às 17:55

Sementeria para Lula 4. Nem tudo deve ser projeto e competição. Contra a lógica meritocrática, políticas de fomento podem ser diversificadas para reconhecer o valor das iniciativas culturais. Simplificar processos e fortalecer diálogo com os territórios são passos fundamentais

O que é um edital? Uma chamada pública para um concurso. Pela via do edital sempre haverá mais excluídos que contemplados, isso é quantificável. A excessiva editalização da cultura é reflexo de uma abdicação de ações e políticas públicas que poderiam caminhar no sentido da emancipação e da universalidade. Conforma-se com a inclusão ao modo de pensar e agir do sistema dominante, via naturalização da competição e disputa. Ser incluído (e lutar com unhas e dentes por esse tipo de inclusão) a um sistema de exclusão, leva à angústia, frustrações e mais exclusão. E o sonho do oprimido passa a ser o de se transformar em opressor. Muitos geniais educadores já disseram isso, mas teimamos em não levar a sério. Irrefletidamente, a forma de inclusão pela competitividade segue na lógica da escassez e, ao final, a maioria "fica de fora", restando o conforto, consolo, em ver que alguns entre os iguais chegaram lá. Esse é o grande segredo de o capitalismo manter-se dominante e hegemônico, pois ele cria a ilusão da inclusão enquanto é sustentado e alimentado pela exclusão, reproduzindo explorações e opressões.

Há caminhos melhores para as políticas públicas, que apontam para a universalização de direitos e não para a

administração da exclusão. Isso significa que deveríamos rejeitar por inteiro a forma edital? De modo algum.

Por vezes o edital é uma boa ferramenta para possibilitar acesso público. Como já escrevi, eu formulei e administrei mais de uma centena de editais (o programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura tiveram início por esse mecanismo; o Prêmio Estímulo, em Campinas, também). Mas com a experiência acumulada, hoje poderia ser diferente, registro. Quando se abandona o horizonte emancipatório, articulação em rede e processos colaborativos, o edital vira apenas e tão somente uma ferramenta para administrar a competição e a exclusão (desculpem repetir, mas é necessário). É o que tem ocorrido nos tempos atuais. Não em um ou outro governo específico, mas no conjunto, com as raras e honrosas exceções, que são cada vez mais raras. Virou regra.

Nesse momento preciso fazer o registro, infelizmente o principal promotor dessa cultura da hipereditalização tem sido o Ministério da Cultura. Justamente a instituição que mais deveria apontar caminhos alternativos, de vanguarda. Se o campo da Cultura não enfrentar esse debate de fundo ele será tragado, mastigado e comido por essa arapuca do capitalismo, que Mário de Andrade chamava de "Piaimã, o gigante comedor de gente", também conhecido como Venceslau Pietro Pietra, ou o Regatão, aquele que tudo regateia, na obra Macunaíma.

O Brasil está vivendo um paradoxo em política cultural. Por conta da mobilização social que resultou na lei Aldir Blanc, abrindo caminho para LPG e LAB2, o campo da Cultura nunca contou com tanto recurso orçamentário disponível para atividades na ponta. Com a recriação do MinC, nunca houve tantos cargos disponíveis para a gestão da Cultura. Pelo contexto de o país haver saído de um governo da extrema direita, declaradamente inimigo das artes a da cultura, também há um relevante apoio social ao ministério da cultura e aplicação de políticas para o setor. Por outro lado, em meio a recursos relativamente abundantes (em relação ao que havia), meios de gestão e apoio social, a Política Cultural, a filosofia, conceitos e práticas, se revelam limitados e enredados na arapuca da ideologia do Capital em seu sentido mais cru e selvagem. Ao reproduzir a ideologia dominante da "meritocracia" e competição, via editalização da cultura, vai se empurrando, cada vez, as Artes e a Cultura para o distanciamento de um horizonte emancipatório, impedindo a superação da ordem dominante. Daí o círculo de frustrações e infelicidades, até a perda de horizontes, reduzindo a criatividade e capacidade de contestação, inerentes à cultura e às artes. Política cultural tem que ir além da mera reprodução de discursos ufanistas e vazios. Bilhões sem sentido não significam nada. Viram pó. Mesmo quando boas criações surgem desse pó (sempre haverá).

Há disposição para enfrentar esse debate de fundo?

Uma das razões de eu haver escrito esse pequeno livro, disponibilizando meu embornal de sementes para Política Cultural, é essa. Até o momento, percebo que, apesar dos incômodos e desconfortos com os rumos, falta disposição para um debate profundo, que se afaste do tecnicismo e disputas vazias pelo poder1. Quando reproduzimos ideias e modos de fazer sem refletir, elas nos formatam, domesticam e coisificam. Só se colhe o que se semeia.

A despeito da crítica, editais poderiam ser aprimorados, com sentido mais generoso e emancipador, beneficiando muito mais gente. Dinheiro é apenas um recurso, e nem é o principal, o que tem que estar bem resolvido é o sentido, a filosofia. Tudo mais é decorrência. Vivendo em um sistema que exclui, o máximo que teremos serão frestas e fendas a serem ampliadas, vamos então alargar essas fendas e brechas. A partir dessas frestas e fendas há que saber fazer (e ter coragem para fazer), colocar uma cunha, até romper a muralha. Esse tem que ser o princípio de qualquer política emancipatória, ir contra a corrente. Quando é possível combinar a ação de "dentro para fora" com a "de fora para dentro" essas mudanças acontecem com mais força e intensidade. Não é o que tem ocorrido, como demonstrei, infelizmente. Talvez seja uma das características de nosso tempo, pois vivemos sob uma era do conformismo e acomodação, mesmo quando na aparência de contestação. Mas semear a despeito do solo pedregoso é também uma arte.

Sem delongas, há como melhorar editais na ordem atual. Vou elencar algumas possibilidades e exemplos. Combinar o concorrencial (na menor quantidade de casos, mas há essa dimensão, é preciso reconhecer) com o universal. Nem tudo é projeto. Para as artes visuais, uma solução melhor seria a aquisição de obras expostas, via mostras e salões de arte. Para a música, talvez uma rede de festivais seja mais adequada para alavancar carreiras, descoberta de novos talentos, melhor que a premiação de alguns poucos projetos analisados por uma comissão julgadora de edital. Festival também premia, mas de forma muito mais dinâmica e pública, mediante apresentação da obra pronta, havendo diversas modalidades, com intérprete, arranjo, composição, banda, prêmio de júri e de público. Por vezes um projeto não premiado cai no gosto popular por conta da exposição e performance; há muito mais possibilidades que a fria e enclausurada análise de um projeto em formulário. Em outras áreas e linguagens também é possível descobrir melhores caminhos, mas para isso é preciso perguntar, conhecer, dialogar.

Nem tudo é projeto. Projeto é intenção, importante selecionar intenções, mas há outras formas de seleção, como curadoria. A comissão julgadora em vez de analisar projetos escritos vai aos locais onde o artista e as comunidades estão. Há um conceito, analisa-se a obra por fazer, em processo, a ação na comunidade, a criatividade

do artista. Daí acontecem os convites e com isso o artista se mantém no fazer artístico, evitando "trabalho morto" no preenchimento de projetos e burocracias que sequer serão contemplados.

Nem tudo é projeto. É preciso abrir espaço para premiação de "conjunto da obra", reconhecimento como referência. Tem tanta gente boa que faz tantos belos trabalhos sem qualquer reconhecimento ou retribuição, anos a fio motivados por uma força interior a fazer arte. Sociedades que reconhecem dedicações e trabalhos de uma vida são mais generosas e apontam ao futuro olhando o passado. Em pequenos municípios não cabe edital. Melhor realizar encontros com as pessoas mais dedicadas à arte, artesanato e cultura e buscar soluções comuns, que contemplem todos, sem competição (isso também pode acontecer com parte dos recursos em municípios maiores). Desburocratizem. Em municípios médios e grandes nem tudo precisa ser por edital. Por exemplo, São Paulo tem a Virada Cultural, uma jornada de música e arte por 24 horas no centro da cidade, (também em alguns bairros), com vários palcos, público superior a um milhão de pessoas e custo em dezenas de milhões. Por que não fazer uma Virada em cada uma das 32 subprefeituras da cidade e em semanas alternadas? Durante todo o ano. Teria característica de festival ou mostra, selecionando grupos locais que se apresentariam em outras viradas. Ao final, a Virada no centro da cidade. Certamente em cada médio ou grande município haverá possibilidade de solução semelhante. Ou diferente. Saiam do padrão e da forma. Importante é mexer com a mentalidade das cidades ajustada à realidade de cada local.

Acesso ao parecer que fez a comissão chegar a determinada pontuação sobre um trabalho. Inadmissível os contemplados, suplentes e desclassificados não terem acesso aos pareceres. Pode-se preservar a identidade do parecerista para evitar pressões e retaliações, mas o conteúdo e a razão de determinada pontuação precisam ser publicizados, esse é um princípio da administração pública. Até para que os proponentes aperfeiçoem seus projetos no futuro ou fundamentem seus recursos. O que não pode é atribuir uma nota e não justificar a razão; algo óbvio, mas que não está sendo feito. Igualmente para etapas diferenciadas na publicação dos resultados. Há que haver tempo para que as pessoas contestem as desclassificações, bem como publicização das razões. Assim como para pontuação/ranqueamento, deixando claro que ela não é absoluta, permitindo recursos. Só ao final seria publicado o resultado definitivo. E ainda assim com oportunidade para recorrer; repito, nesse caso como conselho a gestoras e gestores, sempre guardem uma parte do orçamento, ou busquem mais (a melhor opção), para o acolhimento de recursos e contestações. Da forma que tem acontecido a publicação de resultados cria-se uma cizânia enorme; os contemplados brigando para que nada seja modificado na pontuação e os excluídos lutando para poderem entrar e torcendo para ultrapassar aquele outrora amigo, agora concorrente, que teve 0,2 a mais na nota de classificação, deixando-o para trás. Isso não é saudável.

Transformem a modalidade edital. Quando inevitável, que o edital seja uma forma de diálogo público e processual, não como é hoje, uma porta única que pode abrir ou fechar oportunidades e estímulos. Pontuação de parecerista não é absoluta e a técnica na avaliação não é inabalável (repetindo por necessário repetir), parecer é uma orientação. Sempre é preciso realizar encontro coletivo da comissão julgadora, e que tem que estar de posse do conjunto dos pareceres. Cabe à comissão julgadora ponderar notas, avaliar territorialidade, temáticas, complementariedades. Categorização em cada temática. Não dá para colocar iniciantes na mesma competição com profissionais de 30/40 anos de carreira, isso prejudica ambos; ou o julgador prioriza os "novos" e exclui os "velhos", ou o contrário. Ambos merecem espaço e reconhecimento. Comissão julgadora tripartite (governo federal, ente federado, sociedade civil)2. Antes que se alegue que não há servidores para participarem em todas as comissões esclareço que indicações não necessariamente precisam ser de funcionários. O conceito da tripartição é indispensável para evitar que um poder se coloque como senhor absoluto da decisão. E absolutamente necessário que o poder popular esteja presente. Cabe ao órgão concedente (aquele que transfere o recurso) mediar conflitos e tomar atitude e decisão quando há profunda divergência entre sociedade e ente federado executor. Da forma que tem acontecido os agentes culturais tem ficado "na mão", abandonados, tendo por única opção a judicialização. Governos não podem se eximir de suas responsabilidades, ainda mais quando responsáveis pelo recurso transferido. E que os editais (aqueles que forem realmente necessários) sejam regulares, descentralizados, com previsibilidade, de calendário e agilidade na execução.

Além dessas propostas há muito mais possibilidades de aperfeiçoamento, adequações a realidades locais. Invenção de formas nem imaginadas e que, de repente, podem se espalhar e servir de exemplo. A regra tem que ser: não uniformizem, saiam do padrão, inventem! Há características e especificidades na Cultura que já deveriam estar abarcadas na universalidade, sem a necessidade de edital ou competição, por já se constituírem como patrimônio cultural, devendo ser reconhecidas enquanto tal. Festivais e Eventos de calendário (mostra de cinema, salão de artes, dança, etc), por vezes realizados há décadas. Tem cabimento passar por edital? Um evento novo pode ser, mas um evento ou festival consolidado tem que receber apoio de forma permanente, aprovada em plano e conselho de cultura. Corpos artísticos estáveis (banda, grupo de teatro,

orquestra, companhia de dança), idem. A depender do município ou estado define-se um tempo de atividade regular, critérios a serem preenchidos. Uma corporação musical com cem anos de atividade tocando no coreto da cidade, precisa de edital para ser selecionada? Ou um grupo de teatro ou dança com 20, 30, 40 anos de funcionamento regular? Vamos construir no Brasil uma política cultural que abarque o financiamento regular e permanente de corpos artísticos estáveis e independentes. De uma orquestra sinfônica ou de câmara, a uma companhia de dança, bandas, fanfarras e grupos de dança e teatro. Há tantos espalhados por esse país, tão bonitos e comprometidos.

Ponto de Cultura (para não deixar de falar deles). Quando o programa foi lançado há vinte anos era necessário fazê-lo por edital, o conceito ainda não tinha sido absorvido, agora não mais. Ponto de Cultura é um ponto de mediação na relação Estado/Sociedade a partir das artes e cultura, comprovando funcionamento regular (mínimo entre 2/3 anos) e acesso público tem que ser reconhecido e apoiado independente de edital. É um conceito que vai além de um grupo fechado ou projeto. Em muitos municípios só há um Ponto de Cultura ou dois que preencham esses requisitos mínimos. Não faz sentido competirem entre si, isso mata a cultura viva em sua essência. Importantíssimo que o valor seja igual para todos. Por favor (é um apelo que faço) não criem distinção entre Pontos, todos tem que receber valor igual; até porque há as categorias Pontinho e Pontão, com atribuições distintas e recursos idem, assim como as Ações da Cultura Viva. As distinções atuais tem tornado os Pontos de Cultura e a Cultura Viva, como programa de Estado (não estou me referindo aos Pontos, mas à ação governo) em um simulacro; a continuar assim, melhor seria mudar de nome, por desvirtuado dos conceitos e filosofias da Cultura Viva.

Espaços culturais Independentes. Um pequeno teatro mantido com sacrifício, um centro cultural ou livraria ou sebo com atividades regulares de cultura (que tal incentivar as livrarias independentes no país, livreiros são orientadores de leitura?). Uma ocupação cultural, um território de identidade. Não são tantos por município, é possível estabelecer políticas de fomento adequadas a todos. Comunicação cultural, idem. Uma revista, TV ou rádio comunitária. Meios de difusão e comunicação são cultura, que recebam apoio de forma regular, até porque complementares. Contemplando a comunicação cultural também se dá conta da solução de um grande gargalo na cultura que é a difusão em larga escala. Bens tombados do patrimônio material e imaterial, igualmente. Se assim foi, já houve a seleção para definir o que é patrimônio cultural, seja em um conselho municipal, estadual ou no Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que sejam apoiados diretamente, sem a necessidade de concorrência, deixando a definição para esses conselhos.

O que não é certo é ficar preso na editalização como dogma. Uma regrinha pra cá, outra lá, uma cota (cotas são necessárias, mas insuficientes), uma verba a mais para um, menos para o segundo, nada para o terceiro. Nesse ritmo a Cultura não vai sair do lugar e jamais ocupará seu papel de força motriz para uma nova consciência. Esse enredamento neoliberal dos editais como solução única precisa ser desenredado. Tenhamos pela vida e a cultura um interesse ávido "…que busca compreende-la sentindo-a muito. Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo, aos homens e às pedras, às almas e às máquinas, para aumentar como isso a minha personalidade"3.

Enfim, é preciso sair da cultura da escassez para praticar a cultura da dádiva e da abundância, tal qual a natureza. Compreender e sentir muito até acordar.

Notas

1 Por isso, inclusive, fui me afastado cada vez mais do debate, que agora retomo contribuindo com essa Sementeira. E decidi viver no mato, e muito feliz por retornar às minhas origens caipiras, falando com passarinhos, para de vez em quando jogar sementes e grãos.

2 Quando descentralizamos o Cultura Viva a partir de 2007, com todos os estados, mais distrito federal e dezenas de municípios, foi assim

3 Acordar, poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernado Pessoa.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.

Tags
cultura, editais, espaços culturais, ministério da Cultura, ocupação cultural, política cultural, políticas públicas, SementeiraCultural

Célio Turino
Célio Turino é historiador e foi secretário da cidadania cultural no Ministério da Cultura (2004-10) quando idealizou e implantou o programa Cultura Viva.

14º FESTIVAL HIP HOPÉ VERMELHO LONDRINA 2026

Relato de Impacto Cultural, Social e Econômico



Divulgação

O 14º Festival Hip Hopé Vermelho Londrina 2026 consolidou mais uma importante etapa de uma trajetória construída ao longo de anos de atuação na Cultura Hip Hop e nas danças urbanas. A edição contou com o apoio da Itaipu Binacional, como patrocinador master, parceria fundamental para a realização de uma programação ampla, gratuita e acessível, reunindo artistas, grupos, profissionais, competidores e público de diferentes regiões.

O proponente realizador da 14ª edição foi o Instituto Cultural Arte Brasil, com larga experiencia em projetos artísticos e culturais, entre eles o batuque na caixa. Mais do que realizar um evento, o Festival criou um grande espaço de formação, circulação, intercâmbio, convivência e valorização da cultura urbana, colocando Londrina no centro de uma movimentação cultural que ultrapassou os limites da cidade e alcançou diferentes territórios do Paraná, do Sul do Brasil e de outras regiões do país.

NÚMEROS QUE DEMONSTRAM O ALCANCE

A dimensão do Festival pode ser observada pelos números registrados durante a realização.
Foram 74 inscrições nas modalidades competitivas, envolvendo aproximadamente 418 participações diretas de artistas e competidores, considerando os integrantes dos grupos e modalidades inscritas.
Entre as competições, foram registrados:
- 27 grupos nas competições coreográficas;
- 20 duplas no Breaking 2x2;
- 11 trios no Open Style/Kombat;
- 7 participantes no Locking;
- 9 trios na Batalha de MC.



Divulgação

Além dos competidores, o Festival recebeu espectadores, familiares, acompanhantes, profissionais da cultura, estudantes, crianças, jovens, adultos e pessoas que tiveram contato com o evento mesmo sem fazer parte diretamente da cena Hip Hop. Esse aspecto é especialmente importante: o Festival não alcançou somente quem já pertence à Cultura Hip Hop.

A programação aberta e gratuita possibilitou que pessoas que normalmente não frequentam batalhas, competições ou eventos de dança urbana onhecessem essa produção artística, seus artistas e suas diferentes linguagens.

O Festival, portanto, funcionou também como uma importante ferramenta de formação de público, aproximando a população da Cultura Hip Hop e apresentando sua diversidade artística para novos espectadores.

UM FESTIVAL QUE ATRAVESSOU FRONTEIRAS

A participação não ficou restrita a Londrina.

O Festival recebeu artistas e grupos de diversas cidades do Paraná, incluindo Londrina, Cambé, Maringá, Sarandi, Apucarana, Campo Mourão, Cianorte, Paranavaí, Rolândia, Foz do Iguaçu, Curitiba, Telêmaco Borba e Guaíra, entre outras localidades.

A programação também contou com participantes de fora do Estado, incluindo artistas de São Paulo e Manaus (AM). Essa circulação fez com que os grupos e artistas levassem para seus territórios uma experiência construída em Londrina. Cada participante que retornou para sua cidade levou consigo novas referências, contatos profissionais, experiências artísticas, conhecimentos adquiridos nos workshops e vivências compartilhadas durante o Festival.

Dessa maneira, o investimento realizado em Londrina produziu um efeito que não terminou quando o evento acabou: ele continuou circulando por meio dos artistas, grupos, professores, coreógrafos, DJs, MCs e demais profissionais que participaram da programação.



O Festival também fortaleceu a presença de Londrina no circuito das danças urbanas e da Cultura Hip Hop, ampliando sua repercussão para além do município e contribuindo para o intercâmbio cultural no Paraná e no Sul do Brasil.

CULTURA QUE MOVIMENTA A ECONOMIA

Investir em cultura é investir em formação, cidadania, identidade, criatividade e desenvolvimento humano. Mas o investimento cultural também produz um importante impacto econômico.
A realização de um festival com participantes vindos de outras cidades movimenta uma cadeia de serviços que vai muito além da produção artística.

A presença de artistas, competidores, acompanhantes e visitantes contribuiu para a movimentação de: hotéis e hospedagens, restaurantes, lanchonetes, transporte, comércio, serviços, alimentação e demais atividades econômicas relacionadas à permanência dessas pessoas na cidade.

Durante o período do Festival houve uma importante rotatividade de pessoas e consumo em diferentes estabelecimentos, especialmente em função dos participantes que vieram de outras cidades e precisaram permanecer em Londrina durante a programação.

Isso demonstra que o recurso destinado à cultura não permanece exclusivamente dentro do evento. Ele circula pela cidade, alcançando profissionais, fornecedores, estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços.

Portanto, o apoio da Itaipu Binacional contribuiu simultaneamente para dois movimentos: fortalecer a cultura e movimentar a economia local.

O dinheiro investido na cultura retorna para a sociedade em forma de oportunidades, trabalho, formação, circulação de artistas, ocupação de espaços, geração de renda e movimentação econômica.

FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

Outro resultado importante foi a criação de oportunidades de formação e intercâmbio.
Os workshops e demais atividades formativas possibilitaram que participantes tivessem contato com profissionais convidados e diferentes experiências dentro das danças urbanas e da Cultura Hip Hop.

As competições também funcionaram como espaços de desenvolvimento artístico e profissional. Para muitos participantes, estar no palco ou em uma batalha diante de outros artistas representa uma oportunidade de apresentar seu trabalho, receber reconhecimento, estabelecer contatos e ampliar sua rede de atuação. Assim, o Festival não foi apenas um evento de entretenimento. Ele também funcionou

como uma plataforma de formação, visibilidade e desenvolvimento profissional.

GRATUIDADE E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO

A programação gratuita foi outro elemento fundamental. A gratuidade permitiu que o acesso às atividades não dependesse da capacidade econômica do público, possibilitando a participação de diferentes faixas etárias e grupos sociais.

Crianças, adolescentes, jovens, adultos, famílias, estudantes, artistas, dançarinos e pessoas que simplesmente tiveram curiosidade de conhecer a programação puderam ocupar os espaços do Festival. Essa característica amplia o impacto social do investimento cultural, pois permite que o recurso público e o apoio institucional alcancem diretamente a população.

O LEGADO DO 14º FESTIVAL

O principal legado do 14º Festival Hip Hopé Vermelho está na rede que permanece depois da realização. Ficam os contatos estabelecidos entre artistas de diferentes cidades, as experiências compartilhadas, os conhecimentos adquiridos, a visibilidade dos grupos, os registros audiovisuais e fotográficos, a formação de público e a valorização da Cultura Hip Hop.

Fica também uma experiência que cada artista leva consigo para seu território.

Um grupo que veio de outra cidade participou, apresentou seu trabalho, conheceu novos artistas, assistiu a outras apresentações, participou de atividades formativas e retornou para sua comunidade levando essa experiência.

É assim que um festival local pode produzir impacto regional.

O PAPEL DA ITAIPU

Nesse processo, a participação da Itaipu Binacional como patrocinador master foi fundamental.

O apoio possibilitou que o Festival oferecesse uma programação estruturada, gratuita e de alcance ampliado, fortalecendo uma manifestação cultural que mobiliza milhares de pessoas, especialmente jovens, mas que também dialoga com crianças, adultos, famílias, artistas e diferentes públicos. A parceria demonstra, na prática, que o investimento em cultura pode produzir resultados simultaneamente culturais, sociais, formativos, territoriais e econômicos.

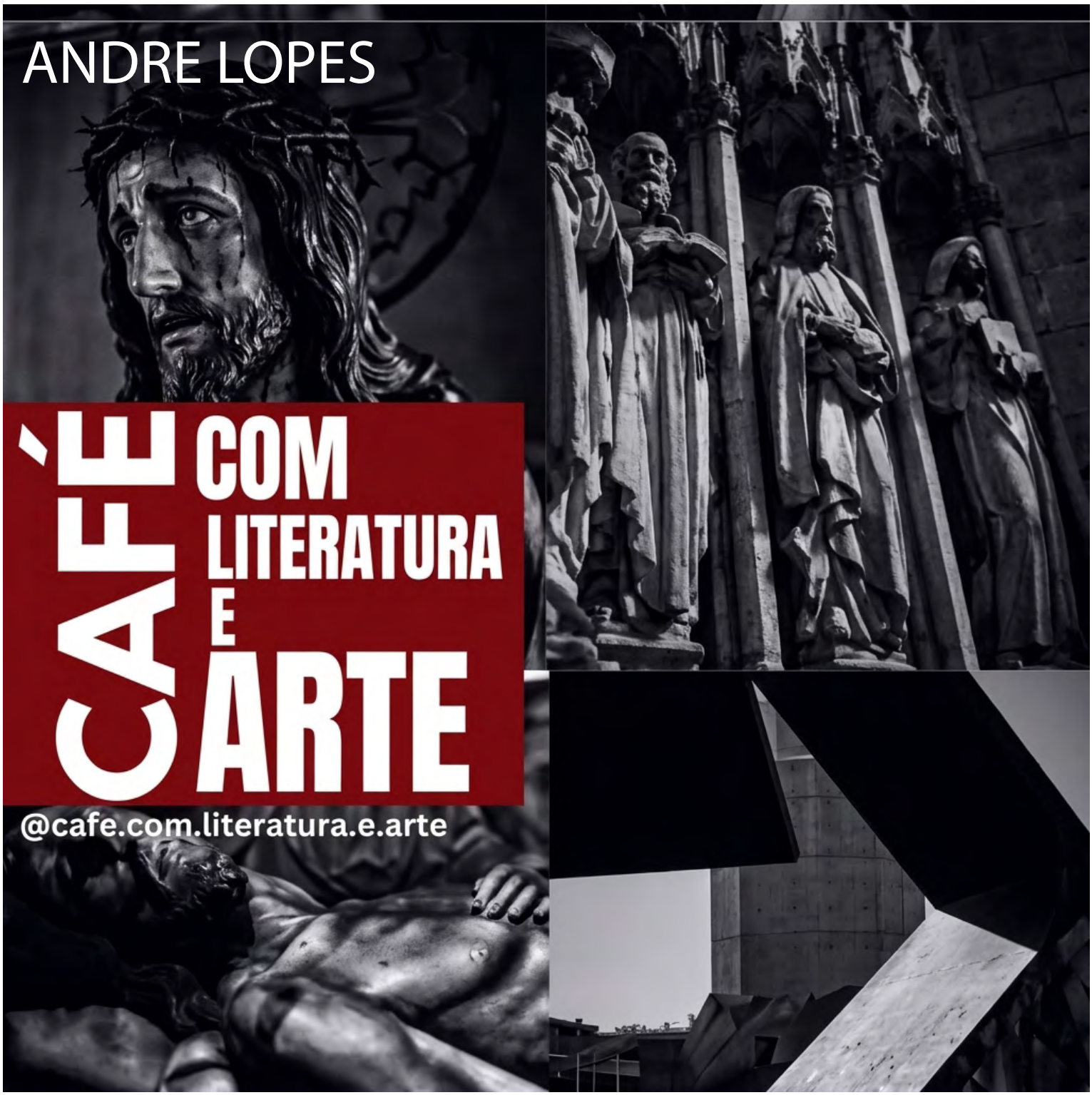
O 14º Festival Hip Hopé Vermelho deixa como resultado uma cena cultural mais conectada, artistas com novas experiências, público ampliado, circulação entre territórios e uma cidade que recebeu pessoas de diferentes localidades para vivenciar a Cultura Hip Hop.

A cultura transforma, forma pessoas, cria oportunidades e também movimenta a economia. O apoio da Itaipu Binacional tornou-se parte dessa história e contribuiu diretamente para que Londrina pudesse sediar uma edição de grande alcance, conectando artistas, grupos, público e territórios através da Cultura Hip Hop.

O Instituto Cultural Arte Brasil e os produtores Mc Rei e DJ Fran agradecem a Itaipu Binacional pela confiança, parceria e investimento na cultura.

14º Festival Hip Hopé Vermelho Londrina 2026
Cultura • Formação • Intercâmbio • Economia • Transformação





https://www.instagram.com/cafe.com.literatura.e.arte/

O HOMEM CORDIAL E O BOLSONARISMO

"Vamos tirar o nove dedos do poder"

Essa frase predominante no discurso de homens comuns como eu ou você é preocupante. Revela mais que uma força de expressão, revela uma condição psíquica e política de mundo. Pois, é assim que leio o Bolsonarismo hoje, em 2026, uma "onda social", amorfa dotada dos discursos mais absurdos possíveis. Para tentar compreender esse fenômeno social (pois não podemos negar que mais de 47 milhões de eleitores seja uma coisa insignificante), recorri ao conceito de homem cordial, cunhado por Sérgio Buarque de Holanda em seu Raízes do Brasil, em 1936.

O conceito remete a um ser passional e personalista, averso aquilo que não considera a partir de seus padrões de julgamento (esse mais difícil ainda de analisar, visto a heterogeneidade de idade, classe social, raça e gênero deste público eleitor), digno de ser entendido como interesse público. Em suas falas, posts e comportamento amplamente divulgado nas mais diversas redes sociais (um espaço bolsonarista por excelência visto a falsa ilusão de anonimato que essa produz), tramam golpes de estado (como ocorrido em 08 de janeiro de 2023), dissipam o ódio das mais diversas naturezas, e se alinham por um slogan muito próximo ao fascismo dos anos 1930: "DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA". A partir disso, não é difícil entender a aversão que todos tem pelo serviço público, pela divisão dos poderes democráticos e o contraditório (princípios básicos da Democracia); seu personalismo imediatista explode contra a burocracia, e toda a forma de procedimento racional típico da política. Tudo que está nessa esfera, é dotado de corrupção. O que torna fácil entender jargões como:

“LULADRÃO.”
Essa onda política se movimenta por slogans, mensagens rápidas e jingles. Não há uma proposta de estado, de governança. Apenas ódio e insatisfação, por isso, classifico como um fenômeno psíquico-político, ou uma histeria coletiva. Cobri fotograficamente um dos eventos de fechamento de vias no janeiro de 2023. Era um ambiente tenso. Muitas frases de ordem como: “morte ao PT”; “Lula morto”, “O Brasil jamais será uma Venezuela” entre outros motes de época. Percebo que se sofisticou, hoje, o Bolsonarismo parlamentar transita entre as pautas sociais (que asseguram votos) e as pautas de sua verdadeira representação política (a do agronegócio, a do capitalismo escravagista brasileiro, como diria o grande sociólogo Fernando Henrique Cardoso).
O que consigo ver desse fenômeno social, é que todos, temos o nosso Bolsonaro internalizado. Costumo provocar dizendo a amigos que o Bolsonarismo está na identidade do Brasil, e que ser ou não ser um Bolsonarista é uma questão de compreensão histórica, de reeducação política e social, de superação de nossa cultura violenta e personalista. Visto tais elementos, percebemos que ainda somos muito jovens como Democracia. Pois tudo isso está vinculado a nossa formação como sociedade. Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), descreve a cena de um liberto açoitando seu escravo. Não é muito diferente do novo conceito do “pobre de direita”, o homem que acendeu por políticas públicas, por facilitação de crédito e outros incentivos oriundos das gestões Lula e Dilma. A memória é uma ilha de edição como diria Waly Salomão, em Carta aberta a John Ashbery” (Algaravias: câmara de ecos, em 1996). Lembramos e esquecemos o que queremos. E nessa trama de histeria coletiva, parte do país resolveu colocar a lógica da cozinha de sua residência para organizar a lógica moral e política do país. Sérgio Buarque de Holanda, jamais imaginaria que esse desenho personalista e passional do homem brasileiro pudesse se tornar uma insígnia política, alimentado o discurso de um homem que não consegue separar as aspirações domésticas personalizadas da dimensão da vida pública coletiva e política.
Como fotógrafo autônomo, faço minhas escolhas de cobertura. E cobri um dos últimos atos pró-Lula às vésperas do segundo turno. Cobertura em uma periferia, com alta taxa de mortalidade de crime policial, tráfico, desemprego, e falta de infraestrutura em muitos bairros. E adivinha de quem é a responsabilidade?
LULA

Sequer se diz governo federal, se personaliza, é o presidente e pronto. Não é do congresso e dos representantes locais pouco ativos aos interesses da classe trabalhadora. Não é do prefeito que sequer conhece a região da cidade.

É de LULA, e pronto.
Soa quase étnico o termo. E isso se torna mais intenso quando acompanhamos as redes sociais e o ódio ao Nordeste brasileiro. Poderíamos dizer, isso não é normal. Mas, é.
É uma escolha. Faz-me lembrar de falas xenófobas de meu pais em idos de 1980, quando se remetiam aos nordestinos nas fazendas de cana-de-açúcar em que vivíamos: “os passa-fome; cabeça-chata que trabalham pro prato de comida”. Falas nojentas construídas no sul do país, que se replicam até hoje, nas ruas, bares e principalmente nas redes sociais.
Mas voltemos ao evento, algumas coisas me chamaram a atenção me fizeram refletir sobre o conceito. O que leva um sujeito odiar o outro por princípios políticos?
Me fez lembrar de um artigo que li a uns doze anos, “Identidades e diferenças: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia” de autoria de Sérgio Luiz Cruz Aguilar e Ana Luiza Terra Costa Mathias. Os autores, tentavam à luz da Antropologia, analisar os conflitos armados entre 1991 e 1995. E descobriram que aquilo foi se construindo por pequenas narrativas, preconceitos de natureza étnica, como pejorações contra mulheres, sobre o caráter de homens, sobre o que se consome ou não, entre outras amenidades cotidianas que tendem a crescer quando hiperdimensionada. Somado a isso os fatores religiosos (o que parece percorrer toda a narrativa salvacionista do patriota bolsonarista) e políticos da época (o enfraquecimento político a partir dos anos 1980 e o fim da União Soviética). Tudo corroborava para um olhar de higienização. Basta vermos, nas manifestações bolsonaristas as bandeiras Brasil/Israel ou Brasil/EUA, como a higienização perpassada por discurso religioso de algumas lideranças ganham força nessa onda coletiva.
Abri essa reflexão para apontar o que vi e ouvi, mas não acreditei de tão surreal que foi. Um grupo de jovens (em sua grande maioria, meninas) de aproximadamente, 15 a 16 anos, enquanto retornava para casa pela ciclovia, foram expostos a xingamentos, absurdos. Ou provocações. Eram pessoas que social e economicamente em nada diferiam daquele grupo. Trabalhadores, moradores dos conjuntos habitacionais. Pessoas que simplesmente não concordava com a postura daquela juventude, e por não concordarem, ofendiam. Depreciavam as adolescentes, ora com palavrões, ora com insultos à sexualidade.
O absurdo foi o garoto da Chevy Ipanema, que passou bem devagar e disse: “É por isso que é pobre, agora volta a pé para casa”. O que impulsionou a frase além da escolha política? Qual seria o fenômeno de distinção social?
Nada. Dirigia um carro velho, era dezenove horas e estava com o uniforme da empresa em que trabalhava. Visivelmente cansado. Xingou.
Essa fala e comportamento se iguala a tantos outros manifestos neste dia. Mas, vivemos em uma Democracia. Discordar é essencial.
Chamo de histeria, por perceber que todos que tive acesso, que defendem o Bolsonarismo, partilham o mesmo discurso, quando questionados pelo o que se manifestam.
“eu sou pela família.”
Mas que família é essa?
sou pela defesa da moral cristã?
Mas, e o cristianismo? O outro não é digno de ser amado em sua diferença?
A cada tentativa de sustentação dessa onda psíquico-política, mais se vê o personalismo que lhe habita. São discursos pobres que surgem de narrativas pobres, preconceituosa e distintivas. Elementos esses que concluo como uma definição final do bolsonarismo.

Personalistas não aceitam ser contrariados. Impõem sempre. A sua vontade a sua leitura de mundo é centro de seu discurso político. Não existe uma natureza ideológica ou partidária. Sua principal característica, e isso é facilmente identificável em seu reduto, as redes sociais, é o fato de o bolsonarismo é eucêntrico, e não demonstra respeito ou entendimento de regras coletivas, leis políticas de igualdade social ou de outras naturezas que

considerem desfavorecerem. Tem um berço de classe, nasce com as elites latifundiárias brasileira, com os imperadores midiáticos e o judiciário estamental nacional, mas tornou-se uma narrativa de Estado, e para 47 milhões de brasileiros, uma proposta de vida.

Desse modo podemos concluir, que o princípio da ordem da família tradicional idealizada brasileira, tem na organização da casa, o princípio de administração da cozinha, a forma mais profunda de se entender o Estado. Seria esse personalismo machista, "cristão" e doméstico o principal ponto de divergência e incomodo com o Estado. Pois não concebem a autonomia dos poderes, da vontade coletiva e da diversidade. Suas narrativas se regem pela lógica da imoralidade formadora, da compreensão religiosa e distorcida de moral e sociedade. É subjetiva, e foi às urnas, como a vontade política de uma histeria coletiva de um homem cordial aflorado não domesticado que assustadoramente corresponde a quase 50% da população votante do país.



https://cafecomliteraturaearte.com/



ARTIGO

A importância da arteterapia e da musicoterapia para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A arteterapia e a musicoterapia são importantes ferramentas terapêuticas que contribuem para o desenvolvimento e a qualidade de vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio da arte, da música e de atividades lúdicas, essas práticas possibilitam diferentes formas de expressão, comunicação e interação social, respeitando as características, os limites e as potencialidades de cada indivíduo.

A arteterapia utiliza recursos como pintura, desenho, colagem, modelagem e outras atividades artísticas para estimular a criatividade, a imaginação, a coordenação motora e a expressão de sentimentos e emoções. Para pessoas autistas, pode representar uma maneira de comunicar experiências, desejos e sensações, especialmente quando existem dificuldades na comunicação verbal.

Já a musicoterapia utiliza a música, os sons, os ritmos e os instrumentos musicais como recursos terapêuticos. Essa prática pode favorecer a comunicação, a atenção, a interação social, a percepção auditiva e a expressão emocional, além de proporcionar momentos de prazer, acolhimento e participação.

Ambas as terapias valorizam a individualidade e reconhecem que cada pessoa com TEA possui habilidades, necessidades e formas próprias de se relacionar com o mundo.

Quando realizadas por profissionais qualificados e integradas a um acompanhamento multidisciplinar, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades e para o bem-estar.

Portanto, a arteterapia e a musicoterapia vão além de atividades recreativas: são caminhos de inclusão, expressão, autonomia e valorização das potencialidades humanas. Mais do que estimular habilidades, essas práticas ajudam a construir espaços de respeito, acolhimento e oportunidades, nos quais cada pessoa autista possa se expressar e desenvolver-se em seu próprio tempo e de sua própria maneira.

Pollyanna Sela - Musicista, cantora e Dra. em musicoterapia pela Universidade Bircham

MODO SELVAGEM

SHITIAGO TRANSFORMA ANGÚSTIA, INSATISFAÇÃO E LIBERDADE EM SEU TRABALHO MAIS HONESTO



Divulgação

Com produção musical de Cofwed, o novo EP atravessa trap, boom bap, drill e experimentações para registrar, sem polimento excessivo, o conflito entre querer viver de música e não se perder tentando.

Existe um momento na trajetória de um artista em que já não é mais possível escrever para corresponder às expectativas. É preciso escrever para sobreviver a elas. É desse lugar que nasce Modo Selvagem, novo EP de Shitiago: um projeto construído a partir de angústia, insatisfação, desejo, ambição, frustração e da necessidade visceral de continuar criando quando viver de música também significa enfrentar tudo aquilo que existe ao redor dela.

Natural do Rio Grande do Sul e radicado em Londrina, no Paraná, Tiago constrói sua relação com a música desde a adolescência. Anos depois, entre trabalhos, responsabilidades, experimentações e a tentativa de transformar criação em profissão, a música deixou de ser apenas um lugar de expressão para se tornar também território de confronto. Porque existe o sonho de viver de arte. E existe a realidade de tentar sobreviver dentro dela. Modo Selvagem existe exatamente entre essas duas coisas.

Ao lado de Cofwed, produtor musical e parceiro fundamental na construção sonora do projeto, Shitiago entrou no processo imaginando um disco de trap. A própria música recusou a regra: trap encontrou boom bap, drill e experimentações. A unidade surgiu não de um gênero, mas da verdade de quem estava escrevendo. As letras permaneceram cruas, com pouca lapidação, preservando a urgência do momento em que nasceram.

“Acho que Modo Selvagem veio de um sentimento de angústia e insatisfação muito grande que eu sinto, e essas músicas são como a resposta para esses sentimentos. É tudo muito sincero e todas as letras foram escritas de forma muito crua e honesta, sem muita lapidação. [...] Na sonoridade, a nossa ideia era fazer um álbum de trap, mas acabou sendo uma mistura de trap, boom bap, drill e experimentações.” — Shitiago

Ao longo do EP, diferentes estados de uma mesma pessoa se encontram. Febre do Rato, Táticas de Guerra, Sonho Lúcido, Freestyle, The Game e Destino Ínfimo revelam tensão, afeto, sobrevivência, revolta e a busca por autonomia. Há ainda uma sétima faixa mantida em segredo: uma hidden track que completa Modo Selvagem somente quando o projeto é ouvido por inteiro. Não é uma ausência na tracklist; é parte da experiência.

Em uma indústria atravessada por números, algoritmos, tendências e pela obrigação de permanecer relevante, Modo Selvagem escolhe preservar as arestas. O EP fala da luta para construir uma carreira independente sem transformar reconhecimento em medida de valor pessoal. Desenvolvido artisticamente junto à Beats Lab, o projeto marca uma fase em que Shitiago não parece interessado em descobrir quem precisa se tornar para ocupar um espaço. Está mais interessado em descobrir até onde consegue chegar sem deixar de ser Tiago.

Ele ainda quer tudo. Só não quer mais deixar de ser ele mesmo para conseguir.

TRACKLIST
01 Febre do Rato
02 Destino Ínfimo
03 The Game
04 Táticas de Guerra
05 Sonho Lúcido
06 Freestyle
07 [HIDDEN TRACK]

FICHA / LINKS

Produção Musical, Mixagem e Masterização: Cofwed

Composição, Letra e Vozes: Shitiago

Foto da capa: Henrique Antonelli

Design e Edição da capa: Letizia Rivolta

Maquiagem: Leticia Biazon

Desenvolvimento artístico: Beats Lab

Espaço: CT Defu Monteiro

Base: Londrina - PR

PRESS KIT / FOTOS / ÁUDIO
https://drive.google.com/drive/folders/12ELY8-6gFrKvSdA5D3dOdfYtCLlPX39g?usp=drive_link

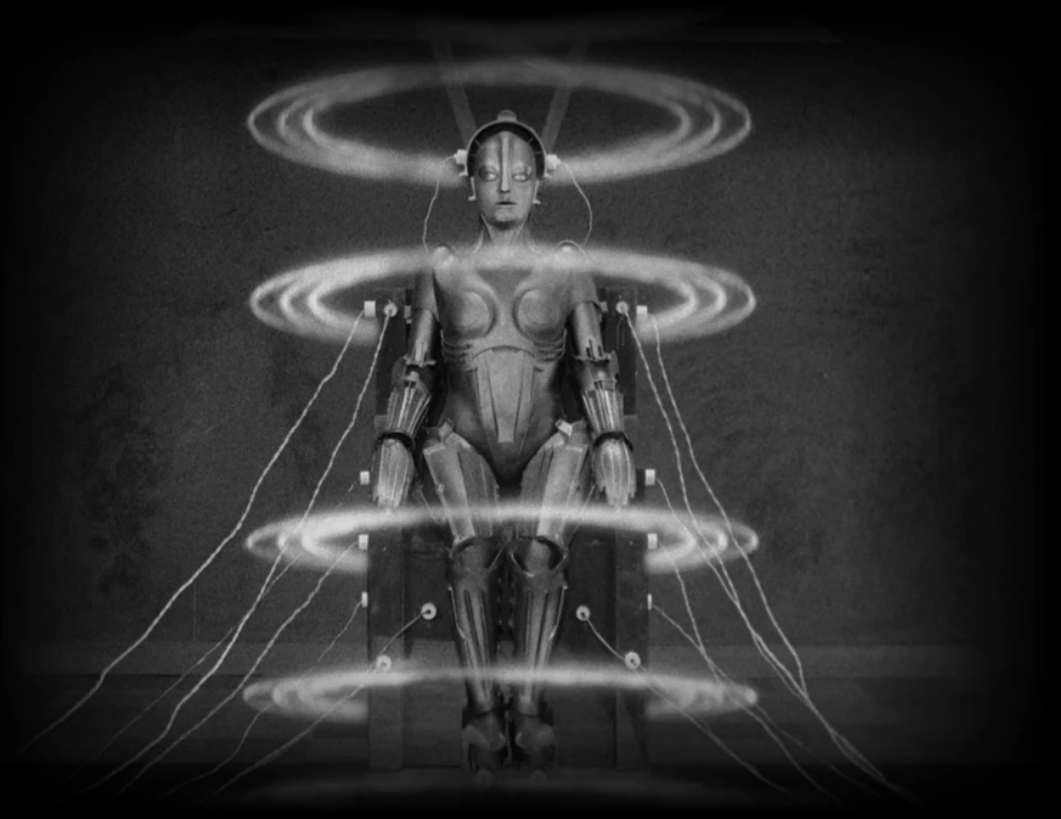
Spotify: https://open.spotify.com/artist/79QjkG167xuhPDB3uTsic8?si=daEjTd2RTGOulNg8JsC-zA

Instagram: https://www.instagram.com/shitiago/
Contato de imprensa Beatslab.management@gmail.com

METRÓPOLIS



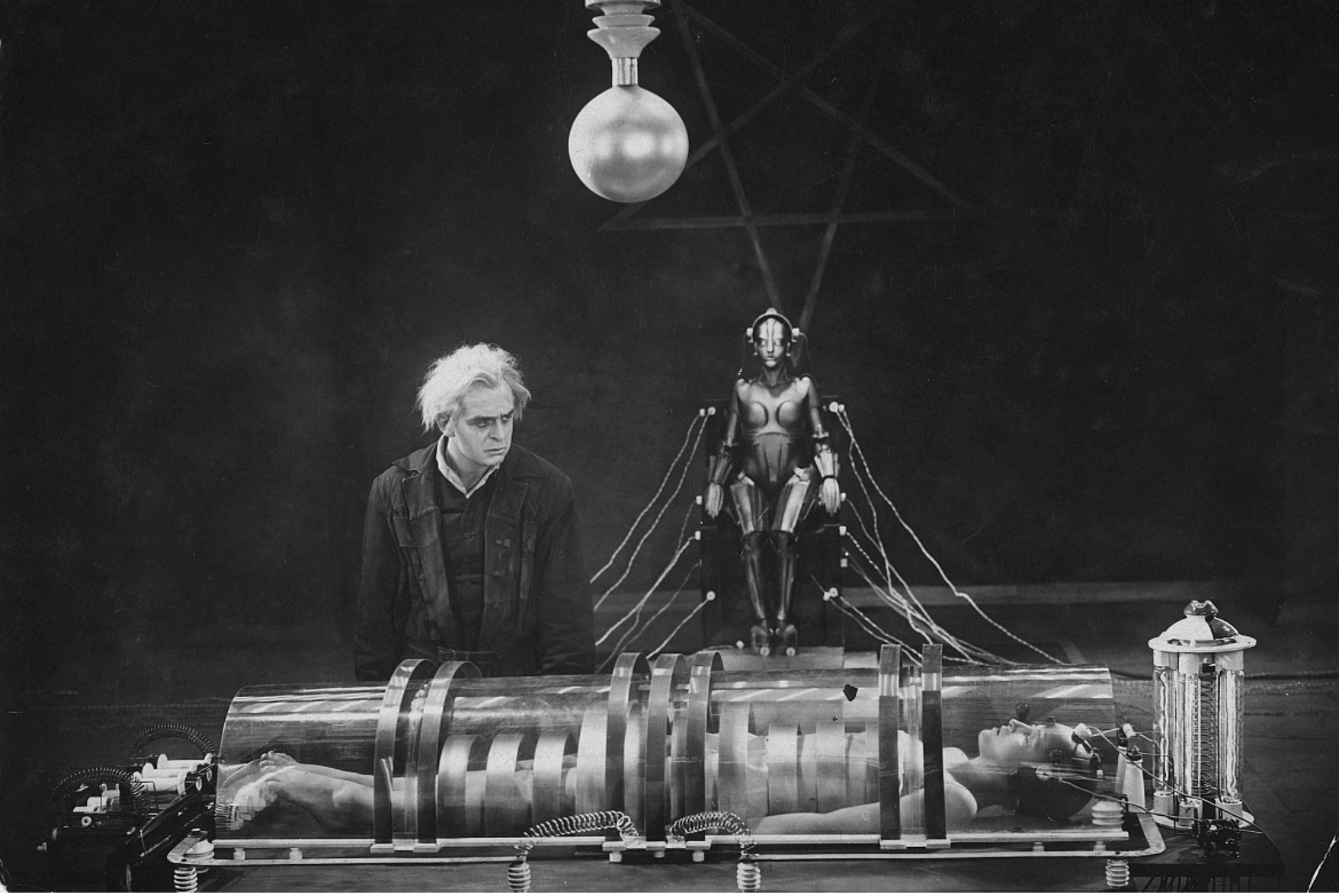
Metrópolis: cem anos depois, quais são os autômatos?



https://outraspalavras.net/poeticas/metropolis-cem-anos-depois-quais-sao-os-automatos/



OutrasPalavras
Poéticas
Por Erick Kayser
Publicado 24/10/2026 às 11:48 - Atualizado 24/10/2026 às 11:49



Há um século, Fritz Lang, um dos maiores nomes que a história do cinema conheceu, rodava aquela que seria a mais ambiciosa produção da República de Weimar. Metrópolis, baseado no romance homônimo de Thea von Harbou, estreou em Berlim em janeiro de 1927. O filme projetava seus espectadores para um então remotíssimo ano de 2026, numa cidade monumental cuja arquitetura era, ela mesma, uma tese sobre a sociedade de classes: no alto, entre arranha-céus, jardins suspensos e estádios, uma minoria de senhores desfruta do ócio; nas profundezas, os operários e suas famílias vivem soterrados, reduzidos à condição de apêndices das máquinas que movem a cidade. Não é difícil perceber o chão histórico sobre o qual Lang erguia sua distopia — uma Alemanha recém-saída da hiperinflação, atravessada pela racionalização taylorista e pelo fascínio com o fordismo norte-americano, e em que a derrota da revolução de 1918-1919 ainda ressoava como ferida aberta. Cem anos depois, o futuro imaginado chegou ao calendário. Resta saber o quanto dele chegou também à realidade.

A potência do filme reside, antes de tudo, na forma como traduz em imagem a experiência do trabalho sob o capital. Os operários marcham em colunas cabisbaixas, em passos sincronizados, como se o ritmo da fábrica tivesse colonizado os próprios corpos — figuração quase didática daquilo que Marx chamou de subsunção real do trabalho ao capital, quando já não é o trabalhador quem se serve do instrumento, mas o instrumento que se serve do trabalhador. Não por acaso, o gabinete de Joh Fredersen, o senhor de Metrópolis, exibe um grande relógio de dez horas, a medida exata dos turnos de trabalho: o tempo abstrato, homogêneo e mensurável, convertido em régua da exploração e em forma de dominação. Na célebre alucinação do protagonista, a máquina que explode se transfigura em Moloch, a divindade que devora os operários lançados em sua boca. Uma imagem que ecoa a crítica marxiana do capital como "trabalho morto" que, "como um vampiro", mantêm sua existência apenas através da absorção de trabalho vivo. A servidão industrial dos subterrâneos, que o filme não hesita em figurar como escravidão, é sua condição de existência.



O conflito dramático tem início quando Freder, o filho privilegiado de Fredersen, abandona os jardins eternos da elite e desce às entranhas da cidade. Ali, troca de lugar com um operário exausto e experimenta, na própria carne, as dez horas diante de uma máquina cujos ponteiros precisam ser incessantemente ajustados, suplício que o filme encena como uma crucificação. Nas catacumbas, encontra Maria, a jovem que cuida dos filhos dos trabalhadores e prega a eles uma mensagem de esperança, recontando a parábola da Torre de Babel: os que conceberam a torre jamais a construíram, e os que a construíram nada sabiam do sonho de quem a concebeu. A alegoria é transparente — a cisão entre trabalho intelectual e trabalho manual como fundamento da dominação — e é a partir dela que Freder, tomado pela descoberta, se lança contra o pai autoritário. Há aqui, porém, um limite que convém não perder de vista: a redenção dos de baixo é mediada por alguém que vem de cima, e a consciência de classe aparece menos como produto da auto-organização operária do que como epifania moral de um herdeiro.

É na figura de Maria, contudo, que o filme toca algo de mais profundo. Sua pregação anuncia a chegada de um "mediador", e os operários, sem qualquer garantia material de que esse dia virá, agarram-se a essa promessa como quem se agarra ao único fio que resta num horizonte de desesperança.

Aqui cabe um parêntese interessante. Em janeiro de 1925, meses antes de Lang iniciar as filmagens, o marxista peruano José Carlos Mariátegui publicava El hombre y el mito, texto em que, dialogando com o francês Georges Sorel, afirmava que a força dos revolucionários não reside em sua ciência, mas em sua fé, sua paixão e sua vontade. Contra o evolucionismo positivista da Segunda Internacional socialista, que aguardava a revolução como quem aguarda um fenômeno natural, Mariátegui reivindicava o mito revolucionário como energia mobilizadora, como aquilo que arranca os homens da resignação. Não se trata de irracionalismo, mas do reconhecimento de que nenhuma transformação histórica se faz sem uma dimensão utópica, sem aquilo que Ernst Bloch chamaria



de Princípio Esperança. A esperança fugidia, alimentada pelo carisma de uma liderança, pode ser combustível para mudanças muito mais profundas do que aquelas que o cálculo frio das condições dadas autorizaria prever. Convém, porém, não confundir os dois registros: o carisma que mobiliza não é o mesmo que tutela. Um devolve aos de baixo a confiança na própria ação, o outro a transfere para a figura que promete agir em seu lugar.

Justamente por isso, as elites de Metrópolis compreendem que essa fé é perigosa e que, mais eficaz do que reprimi-la, é sequestrá-la. Fredersen ordena ao inventor Rotwang que dê ao seu Maschinenmensch, o autômato que construíra, as feições de Maria, destinado a substituí-la e a desbaratar a resistência por dentro. A clone robótica de Maria é uma agente do caos, seu principal objetivo é criar os pretextos para uma violenta repressão, quando incita os operários à destruição cega das máquinas, arrasta-os a uma fúria que acaba por inundar a própria cidade operária e ameaçar a vida de seus filhos. É a contrarrevolução travestida de revolução, a velha técnica do agent provocateur elevada à escala tecnológica. O que Lang e von Harbou intuíram com precisão é que a dominação mais sofisticada não se limita a esmagar a esperança popular; ela a falsifica, apropria-se de sua linguagem, de seu rosto e de sua voz, e a devolve às massas convertida em instrumento de sua própria derrota. O ódio, a histeria e a catarse destrutiva tornam-se mercadorias políticas, encenados na dança da falsa Maria no Yoshiwara, diante de uma plateia de senhores em frenesi.

Não poderia soar mais atual. Ainda não chegamos ao ponto de dispor de autômatos humanoides capazes de substituir lideranças populares, como imaginava o filme; mas talvez nem precisemos deles. A falsa Maria de 2026 dispensa o corpo metálico: habita os deepfakes, as vozes sintéticas, os vídeos adulterados e os conteúdos fraudulentos gerados por inteligência artificial que circulam em escala industrial pelas redes sociais — plataformas cujos algoritmos, calibrados para maximizar o engajamento, premiam precisamente o ressentimento e a indignação que a extrema direita sabe cultivar como ninguém. A aliança entre os senhores das big techs e as forças reacionárias em escala global reatualiza o pacto entre Fredersen e Rotwang: quem detém os meios de produção técnica detém, cada vez mais, os meios de produção da imagem pública, inclusive a imagem dos próprios adversários. Em pleno ano eleitoral no Brasil, a possibilidade de pôr na boca de uma liderança popular palavras que ela



jamais pronunciou, deixou de ser ficção científica para tornar-se uma arma disponível a quem puder pagar por ela.

Há, por fim, uma ironia que o centenário não deve apagar. O desfecho de Metrópolis celebra a reconciliação entre o patrão e o capataz operário, selada pela máxima de que o mediador entre a cabeça e as mãos deve ser o coração. O gesto conciliador do industrial, atendendo ao apelo da verdadeira Maria e Freder, não alteram sua posição de poder; ao contrário, a consolida.

Ele agora é capaz de influenciar a mentalidade do operariado, celebrando uma paz social da qual a liberdade fica ausente, substituída por uma dominação carismática. Essa solução, que Siegfried Kracauer, no livro De Caligari a Hitler, leu como antecipação ideológica da "comunidade do povo" nazista, e que o próprio Lang, anos depois, passaria a combater. Não é casual que Goebbels, e o próprio Hitler, tenham admirado o filme, nem que Thea von Harbou tenha acabado por aderir ao nazismo.

A obra carrega, portanto, tanto o diagnóstico quanto a armadilha: denuncia a manipulação da fé popular e, no mesmo gesto, oferece uma fé substituta, a da conciliação de classes que dissolve o antagonismo num sentimentalismo "inofensivo". A lição que nos cabe extrair é dupla. É preciso defender a esperança contra sua falsificação tecnológica, mas é preciso também recusar o coração como mediador de um pacto com quem nos soterra. Entre a cabeça e as mãos, o que a história ensina não é o afeto dos senhores, mas a organização dos de baixo: só ela é capaz de impedir que a próxima Maria seja, outra vez, uma máquina a serviço do dono da cidade.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.



Festival discute uso de inteligência artificial na montagem de filmes



Guilherme Jeronymo - Repórter da Agência Brasil - Publicado em 05/11/2026 - 07:47
São Paulo

O Brasil sedia pela primeira vez o festival AI Film Awards Brasil, entre os dias 6 e 8 de novembro. A mostra traz 70 filmes selecionados e feitos, em algum grau, com o uso de ferramentas de inteligência artificial.

Além de produções nacionais, como o brasileiro Submersivos, que abre a mostra, produções da Espanha, Estados Unidos, China e Coreia do Sul fazem parte da programação.

A participação em todos os painéis e na palestra é gratuita, e as inscrições estão abertas pela plataforma do Itaú Cultural, parceiro do festival.

A mostra de filmes discute temas como exclusão digital, mudanças no ambiente criativo e de negócios e avanço em aspectos criativos, com o uso das tecnologias generativas, para permitir criação acessível a produtores independentes e iniciantes.

"Discutiremos processos, ética, direitos autorais e representatividade, com painelistas que irão de produtores e realizadores a pessoas que estão tentando entender e refletir sobre essas mudanças. É importante e rico ouvir todos os lados para pensar como usar a IA a favor de quem produz arte", explicou Carol Guimarães, que assina a direção executiva do evento.

Ela destaca a importância dessas ferramentas para viabilizar estéticas e olhares únicos. Com a diminuição de custos, visões locais e de grupos minoritários podem circular mais livremente. "O festival entra muito neste espaço de chegar aonde não se chega."

Os debates ocorrerão por meio da plataforma e-Teatro WeDo! e permanecerão disponíveis a partir de segunda-feira (9).

"Neste momento, alguns filmes começam a ver a luz do dia justamente por conseguirem usar essas ferramentas para diminuir custos, seja em processos, cenários ou mesmo na apresentação da ideia ao mercado. Ter mais alternativas é algo muito importante", reflete Vitória Mantovani, cineasta que assina a curadoria e direção-geral.

O festival integra uma plataforma internacional presente em importantes polos da indústria criativa, como Cannes, Veneza, Dubai, Marrakech, Paris e Bali.

“Feito Pipa” enaltece infâncias queer e mostra que amor de vó também salva o mundo

https://www.nonada.com.br/2026/10/feito-pipa-enaltece-infancias-queer-e-
-mostra-que-amor-de-vo-tambem-salva-o-mundo/



Filme cearense traz a relação entre neto e avó como primeiro plano da narrativa. Foto: Divulgação/Paris Filmes

Representante oficial do Brasil na disputa pelo Oscar 2027, longa ambientado no Sertão Central do Ceará aborda com humor e delicadeza um drama familiar marcado por afetos ditos e não ditos

Por
Alexandre Briozo Filho
29 de outubro de 2026
Compartilhe

Talvez o sonho de muitos meninos gays afeminados seja poder acordar pela manhã com o rosto já enfeitado de strass e maquiagem. Ou então, levantar da cama performando canções de divas do pop quarto afora, inundando a sala de casa com movimentos de dança alheios à vigilância e repressão homofóbica. Ou, ainda, ter as suas paixões e aspirações apoiadas e incentivadas por quem os ama. Talvez a realidade de muitos meninos gays afeminados seja lidar com o fato de que a expressão de suas identidades, ao mesmo tempo que os liberta, também os afasta de quem, com alguma dificuldade, chamam de pai — a figura que, em virtude da homossexualidade do filho, se transforma numa presença fantasmagórica.

Esse pode ser um fato comum na vida de alguns meninos gays afeminados, ou pelo menos algo parecido com isso. Para Gugu, de 12 anos, protagonista de Feito Pipa, longa-metragem representante do Brasil na disputa por uma vaga no Oscar de 2027, as coisas são assim.

Criado pela avó, Dilma, uma professora aposentada acometida por Alzheimer, interpretada com excelência por Teca Pereira, Gugu (Yuri Gomes) cresce com liberdade para ser quem



A história do menino Gugu é atravessada por tensionamentos relacionados a sua identidade. Foto: Divulgação/Paris Filmes

é e não poupa esforços para se cercar daquilo que é colorido e que reflete sua autoconfiança. Ainda que o brilho das saias plissadas e as coreografias ensaiadas das canções de Pablo Vittar estejam fortemente presentes em sua vida, o futebol também ocupa espaço em seu mundo de cintilâncias. A inclinação para o esporte aparece mais como uma maneira inconsciente de diminuir a distância entre ele e o pai, Batista, vivido por Lázaro Ramos, cuja ausência é compensada pela presença esférica da avó, relação que se torna o grande emblema do filme, do início ao fim.

Ao lado de Dilma, Gugu aprende sobre a nobreza de dançar forró aos sábados, sobre confiança, sobre ciúmes e sobre amor. Nos diálogos com a avó, entende que I love you significa eu te amo, e que o sentido da canção Time after time, de Cyndi Lauper, pode ser apreendido mesmo quando não se sabe a tradução, basta ter um destinatário. Essa relação de amor e cumplicidade é o principal combustível para que Gugu acredite piamente que, quando sai de casa pelas manhãs de bicicleta para encontrar com os amigos e fiéis escudeiros no descampado onde joga futebol, está indo, na verdade, salvar o mundo.

Mas como nem tudo são rosas, o mundo regado a lantejoulas do menino começa a ruir com o avanço do Alzheimer de Dilma, impulsionado pela secagem da barragem que engoliu parte da cidade onde o filme é ambientado – Quixadá, no sertão cearense, e arredores – e que motivou a morte da filha, mãe do protagonista. Conforme a água baixa e a parte da cidade antes submersa é aos poucos revelada, Dilma perde cada vez mais o contato com o real e se torna refém da confusão de suas memórias, esquecendo até mesmo quem é o neto, chegando a confundi-lo com a própria filha morta.

Impossibilitado de continuar sob os cuidados da avó, que passa a morar num asilo, Gugu passa a viver com o pai, a madrasta grávida e a irmã mais nova, a quem o pai demonstra amor e carinho sem reservas, amargando a vida do menino. O sentimento de inadequação e a sensação de não pertencimento enrijecem o que costumava ser espontâneo.

Se antes Gugu se despia temporariamente da maquiagem e das roupas brilhantes ao interagir muito brevemente com o pai, cujo primeiro contato com o filho na narrativa ocorre com o propósito entregar-lhe uma revista erótica com mulheres seminuas, quando passa a morar com ele, esses adereços fogem do alcance permanentemente. As roupas e os movimentos dançantes de Gugu perdem espaço. Ele se afasta do brilho e da expressão que antes tinha. Seu comportamento esmorece. A pipa que uma vez voou alto agora estrebucha rente ao chão, presa pela rabiola.

Com direção de Allan Deberton, que assinou o aclamado Pacarrete (2020), e roteiro de André Araújo, Feito Pipa combina a autenticidade da infância e a complexidade do drama familiar e de questões sociais, como a disputa pelo território e a misoginia na qual se enraíza a homofobia. A partir de uma linguagem cinematográfica que busca não deixar subentendidos na trama principal, o longa leva para as telas, sem medo, uma inflexão no lugar comum das infâncias queer, tidas como acontecimentos complexos de se lidar quando são, na verdade, mais simples do que aparentam. Tanto o diretor quanto o roteirista se inspiraram nas memórias de suas infâncias vividas em Russas, interior do Ceará.

Apesar disso, o filme peca ao não dar conta de algumas das simbologias sobre as quais a sua trama se sustenta, a exemplo dos motivos sombrios que levaram à morte da mãe de Gugu, que resistiu à implementação da barragem na cidade, bem como das consequências desse acontecimento central na narrativa na vida dos personagens. Com esforço, é possível entender as razões para o comportamento desvairado de Dilma ante o avanço do Alzheimer, o esvaziamento da barragem e a emergência da parte da cidade antes submersa, trazendo à tona o fantasma da filha.

Mas quanto às particularidades de Batista, personagem de Ramos, essas são pouco aprofundadas, e o longa perde a oportunidade de mergulhar na complexidade do personagem que, ora carinhoso, oral hostil, aparenta não ser essencialmente intolerante e homofóbico. Batista trabalha com abastecimento de água dirigindo um caminhão pipa, como se o seu ofício girasse em torno daquilo que levou o próprio filho a se tornar órfão de mãe. Com um trauma não trabalhado, o peso que Batista carrega parece não ser apenas ter um filho gay, mas também enxergar no menino a imagem da ex-esposa morta pela crueldade do interesse de gente poderosa.

Há momentos em que o não dito refina e sofistica a obra, criando intimidade entre ela e o espectador. Em Feito Pipa, essa intimidade se constrói a partir dos ditos, como as declarações de amor entre avó e neto, a cumplicidade evidente dos amigos e as afinidades do protagonista. Por isso, se torna importante evidenciar aquilo que parece primordial em sua espinha dorsal.

Sem abordar essas nuances sob um ponto de vista sensível e particular à trama, algo que comumente se atribui às obras concorrentes e vencedoras da maior premiação de cinema do mundo, o longa se envelopa numa narrativa repleta de elementos fortes e pouco explorados que está menos para uma candidatura ao Oscar e mais para uma exibição na Sessão da Tarde, algo que certamente não é um demérito, considerando a importância da mensagem sobre liberdade, amor, autenticidade e resistência que passa. E sem deixar de fora o humor, a comicidade e o fato de que, na infância, até a dor termina em gargalhada. Tudo isso na perspectiva de uma criança preta e viada.

Ao final, o que se sustenta é a força de Gugu e sua relação com Dilma, para quem se volta quando a repressão de si mesmo se torna insustentável e a distância do amor que conhece deixa de ser intransponível. Salvar o mundo também pode ser salvar a si mesmo. Salvar a si mesmo pode significar salvar a avó. Time after time.

Fonte: https://www.nonada.com.br/2026/10/feito-pipa-enaltece-infancias-queer-e-mostra-que-amor-de-vo-tambem-salva-o-mundo/
Normas para republicação: https://www.nonada.com.br/republique/

Generation
Best Feature Film
76. Internationale Filmfestspiele Berlin

Generation
Crystal Bear
76. Internationale Filmfestspiele Berlin

Festival Internacional de Cine en Guadalajara
Prêmio Maguey
Melhor Filme
Melhor Interpretação
2026

FICCI 65
Melhor Interpretação

Official Selection
Frameline50
San Francisco International LGBTQ+ Film Festival

Seleção Oficial
54º Festival de Cinema de Gramado
Mostra Competitiva de Longas-Metragens Brasileiros

Yuri Gomes *Teca Pereira* *Lázaro Ramos*

Feito Pipa

um filme de **Allan Deberton**

"Apresenta um jovem personagem inesquecível"
Variety



ANCINE, FSA, BRDE, DEBERTON FILMES, BIÔNICA FILMES, M-APPEAL, PARIS FILMES e MISTIKA apresentam "FEITO PIPA"
estrelando YURI GOMES, LÁZARO RAMOS e TECA PEREIRA com CARLOS FRANCISCO e GEORGINA CASTRO roteiro de ANDRÉ ARAÚJO
direção de fotografia LUCIANA BASEGGIO, ABC, DAFB e DANIEL DONATO direção de arte DAYSE BARRETO figurino GABRIELLA MARRA
caracterização NATIE CORTEZ som direto GUMA FARIAS montagem MARIANA NUNES GOMES supervisão de edição de som MIRIAM BIDERMAN, ABC
desenho de som RICARDO REIS, ABC mixagem TOCO CERQUEIRA, CAS trilha sonora original JOÃO VICTOR BARROSO diretora assistente LUCIANA VIEIRA
produtores associados LÁZARO RAMOS, JOÃO MACEDO e ARIADNE MAZZETTI produtores executivos FRED BURLE, MARCELO PINHEIRO e MAURÍCIO MACÊDO
produzido por KAREN CASTANHO, BIANCA VILLAR, FERNANDO FRAIHA e ALLAN DEBERTON dirigido por ALLAN DEBERTON

produção: DEBERTON FILMES, BIÔNICA FILMES
produção associada: M MISTIKA
patrocínio: nu
distribuição: PARIS FILMES
vendas mundiais: M-appeal
apoio: Paradiso, SNC, POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC DE FOMENTO À CULTURA, BRDE, fsa, ancine, MINISTÉRIO DA CULTURA
realização

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

EXCLUSIVO NOS CINEMAS

parisfilmes /ParisFilmesBr

RECURSOS DE ACESSIBILIDADE:

DIVISÃO DE IMPRENSA
www.itaipu.gov.br
imprensa@itaipu.gov.br



Créditos: William Brisida/Itaipu Binacional

Mais de 20 comunidades indígenas já foram beneficiadas pelo acordo homologado pelo STF; empresa amplia recursos para concluir a compra de 3 mil hectares no Oeste do Paraná

A Itaipu Binacional avança no cumprimento do acordo de reparação histórica aos povos indígenas Avá-Guarani do Oeste do Paraná, firmado cinco décadas após o início da construção da usina. A empresa já adquiriu 2.219 hectares de terras destinadas às comunidades, o equivalente a 74% dos 3 mil hectares previstos em acordo homologado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em março de 2025.

O acordo representa o reconhecimento e a reparação de violações de direitos sofridas pelos Avá-Guarani em decorrência da construção da hidrelétrica e a formação de seu reservatório, na década de 1970 e início dos anos 1980.

A reparação foi estabelecida no âmbito da Ação Cível Originária (ACO) 3.555, que tramita no STF e trata de responsabilidades da União, da Itaipu Binacional e de outros órgãos federais pelas violações de direitos territoriais e humanos dos Avá-Guarani. Homologado em 24 de março de 2025, o acordo emergencial prevê a aquisição de 3 mil hectares para comunidades das terras indígenas Tekoha Guasu Guavirá e Tekoha Guasu Okoy Jakutinga.

A medida constitui um avanço no processo de reparação histórica para garantir melhores condições de vida às comunidades, assegurar direitos territoriais e contribuir para a redução de conflitos fundiários na região.



“Estamos cumprindo o acordo firmado e temos todo interesse em finalizar o quanto antes. O mais importante para nós é que, além de reconhecermos a dívida histórica, estamos ajudando a proteger os povos indígenas e pacificando a região”, afirmou o diretor jurídico da Itaipu Binacional, Luiz Fernando Delazari.

Até o momento, mais de 20 comunidades indígenas já foram beneficiadas pelas aquisições, um avanço na garantia de seus direitos e na construção de soluções para conflitos históricos no Oeste do Paraná.

Continuidade das aquisições

A Itaipu já investiu R$ 303,69 milhões na aquisição das terras. Em setembro de 2026, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região informou que a execução financeira se aproximava desse limite e registrou a necessidade da suplementação.

Para assegurar a continuidade do processo, o Conselho de Administração da Itaipu autorizou uma suplementação de R$ 240 milhões, elevando para até R$ 480 milhões o limite total de recursos.

A suplementação estava prevista no Termo de Conciliação firmado na ACO 3.555, que estabeleceu inicialmente um limite de R$ 240 milhões para as aquisições em 2025, com possibilidade de recursos adicionais em 2026. O preço por hectare não foi estabelecido no acordo.

A Itaipu custeia as aquisições, mas não participa das negociações nem define os preços dos imóveis, avaliados por servidores do Poder Judiciário e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

O preço e as condições de pagamento devem atender às condições de mercado e são definidos em sessões de mediação conduzidas pelas Comissões de Soluções Fundiárias, com participação obrigatória da Secretaria do Patrimônio da União, Ministério dos Povos Indígenas, Ministério Público Federal e Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Cada acordo é homologado pelo juízo competente, e só então a Itaipu deposita o valor ajustado em conta judicial.

Infraestrutura e qualidade de vida

A reparação histórica também contempla medidas para melhorar as condições de vida das comunidades Avá-Guarani, especialmente no acesso à moradia, água potável, energia elétrica, saneamento, saúde e educação.

Com o avanço das aquisições, a Itaipu, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) e representantes indígenas discutem as prioridades de infraestrutura para as áreas adquiridas.

Entre as iniciativas em fase de elaboração está um convênio de R$ 70 milhões para a construção de polos-base de saúde em Santa Helena e Guaíra, no Paraná, com base em diagnóstico da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai). Outro convênio, de R$ 1,5 milhão, prevê a aquisição de kits de moradia para famílias em situação de maior vulnerabilidade.

A Itaipu também mantém convênios com prefeituras para a construção de poços artesianos. Nas comunidades onde o abastecimento definitivo ainda não foi implantado, a empresa fornece água por caminhões-pipa, com apoio da Sesai. Outros projetos e convênios atendem às comunidades nas áreas de segurança alimentar e hídrica, habitação, saúde, educação e cultura.

“O conjunto dessas ações integra o compromisso assumido no acordo judicial e representa um avanço na reparação dos impactos históricos da construção da usina sobre os povos Avá-Guarani”, concluiu Delazari.





ENTRE A SUÉCIA E O BRASIL: DOIS PROJETOS MUSICAIS TRANSFORMAM HISTÓRIAS COTIDIANAS EM NARRATIVAS SONORAS





Artistas virtuais, inteligência artificial e direção humana se encontram em dois álbuns produzidos na Suécia e cantados em português brasileiro.

A música também é uma forma de contar histórias. Mais do que reunir melodias e letras, ela pode construir personagens, acompanhar acontecimentos e transformar situações aparentemente simples da vida cotidiana em experiências narrativas. É nessa perspectiva que surgem dois projetos musicais desenvolvidos na Suécia: O Urso Acústico e Cais do Avesso, apresentados pela Lundberg Selection AB, empresa sediada em Estocolmo.

Os dois trabalhos têm uma característica em comum: utilizam o português brasileiro como idioma de suas composições, aproximando uma produção realizada no norte da Europa do universo cultural e linguístico do Brasil.

O URSO ACÚSTICO — O DIA CABE EM NÓS

O álbum O Dia Cabe em Nós é composto por doze canções que acompanham Bento e Dora durante um domingo. A narrativa percorre diferentes espaços e momentos: a casa, o quintal e o rio. Pequenos acontecimentos, cenas familiares e observações do cotidiano formam o universo poético do disco.

Em vez de apostar em grandes acontecimentos, o projeto encontra na simplicidade das experiências diárias sua matéria narrativa. Cada canção funciona como parte de uma história maior, criando uma sequência musical que acompanha o tempo e as descobertas dos personagens.

Uma das portas de entrada para esse universo é a faixa A Manga na Soleira, indicada como primeira escuta do álbum.

Ouça: O Urso Acústico — O Dia Cabe em Nós

Conheça o projeto: https://ursoacustico.com/o-dia-cabe-em-nos/

CAIS DO AVESSO — A LAJE

O segundo projeto, A Laje, assinado por Cais do Avesso, também apresenta doze canções, mas organiza sua narrativa em torno de outro acontecimento cotidiano: a construção de uma casa.

O álbum acompanha esse processo desde a escolha e preparação do terreno até a mudança para o novo espaço. A construção aparece não apenas como uma atividade material, mas como uma experiência humana, carregada de expectativas, trabalho, transformações e

perspectivas de futuro.

A casa, nesse contexto, deixa de ser apenas uma estrutura física para se tornar o eixo de uma narrativa sobre pertencimento, realização e vida cotidiana.

A faixa O Terreno é sugerida como ponto de partida para conhecer o disco.

Ouça: Cais do Avesso — A Laje

Conheça o projeto: https://caisdoavesso.com/press/

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREÇÃO HUMANA NA CRIAÇÃO MUSICAL

Os dois álbuns integram uma experiência contemporânea de produção artística que combina ferramentas de inteligência artificial e direção criativa humana.

Segundo Björn Lundberg, responsável pela Lundberg Selection AB, os projetos são desenvolvidos com artistas virtuais. A música e as vozes foram geradas com o auxílio da plataforma Suno, enquanto a escrita, a seleção das composições e a orientação da produção passaram por decisões humanas.

A experiência evidencia uma das transformações em curso no campo da criação musical: a incorporação de tecnologias generativas aos processos de composição e produção, abrindo novas possibilidades para a construção de personagens, atmosferas e universos narrativos.

Nesse cenário, a inteligência artificial não aparece isoladamente, mas integrada a uma proposta artística que depende de escolhas, conceitos e direcionamento criativo.

UMA PONTE MUSICAL ENTRE BRASIL E SUÉCIA

O contato com a Revista D-ARTE começou a partir de um convite aberto à participação de músicos e artistas de diferentes expressões. A proposta chamou a atenção de Björn Lundberg pela possibilidade de apresentar ao público brasileiro trabalhos concebidos na Suécia, mas desenvolvidos integralmente em português do Brasil.

A iniciativa abre espaço para refletir sobre as novas formas de circulação da produção cultural em um ambiente conectado, no qual a origem geográfica de um projeto não limita necessariamente seu idioma, seu público ou suas referências.

Além dos dois álbuns, Lundberg apresentou uma coleção de cinquenta faixas em português, lançadas sob o nome Lundberg Selection, disponibilizadas em arquivos MP3 de alta qualidade para apreciação.

O diálogo iniciado com a D-ARTE também aponta para possibilidades futuras de intercâmbio, incluindo a aproximação com músicos brasileiros e a criação de conexões entre diferentes cenas musicais.

Em tempos de transformações tecnológicas e novas possibilidades de criação, projetos como esses provocam uma reflexão importante: a música pode nascer em qualquer lugar, mas é a linguagem, a narrativa e a experiência compartilhada que ajudam a construir sua relação com o público.

D-ARTE — O lugar de todas as artes.

NÚCLEO AUDIOVISUAL DE CAMBÉ

CLIK E ASSISTA






UMA AVENTURA DE AMOR, RECICLAGEM E MUITA CONFUSÃO!
QUERO CASAR


TERRA DE DENTRO
TEM GENTE QUE ACHA QUE A TERRA NÃO FALA.
MAS ELA LEMBRA DE QUEM FICOU.
BASEADO NA OBRA DE
MARIA HELENA DE OLIVEIRA MORAIS

MULHERES QUE DESAFIARAM A ESCRAVIDÃO: A HISTÓRIA QUE O BRASIL TENTOU ESQUECER



Divulgação

De Aqualtune a Esperança Garcia, de Luiza Mahin a Maria Firmina dos Reis: mulheres negras que enfrentaram a escravidão, organizaram resistências e abriram caminhos para a liberdade. Uma exposição no Museu Nacional de Belas Artes transforma essas trajetórias em arte e propõe uma revisão da memória brasileira.

Por Redação Revista D-ARTE



Divulgação

Há histórias que não desapareceram. Foram silenciadas, fragmentadas, transmitidas de geração em geração e, muitas vezes, preservadas apenas pela memória de quem se recusou a esquecer.

Durante séculos, a narrativa oficial da abolição da escravidão no Brasil privilegiou personagens masculinos, autoridades políticas e acontecimentos institucionais. Nesse processo, inúmeras mulheres negras que lutaram pela liberdade, denunciaram a violência escravista, organizaram movimentos, participaram de revoltas e produziram conhecimento foram relegadas a posições secundárias ou simplesmente apagadas.

É justamente contra esse apagamento que se apresenta a exposição Abolicionistas Brasileiras, em cartaz no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio de Janeiro.

A mostra reúne obras de artistas visuais que revisitam a trajetória de oito mulheres fundamentais para compreender as diferentes formas de resistência à escravidão no Brasil. São elas: Aqualtune, Anastácia, Maria Firmina dos Reis, Maria Felipa, Adelina, Esperança Garcia, Maria Tomásia Figueira Lima e Luiza Mahin.

Mais do que reconstruir biografias, a exposição propõe uma reflexão sobre quem tem o direito de ocupar a memória nacional e sobre como a arte pode contribuir para recuperar personagens que a história tradicional deixou à margem.

Segundo informações divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a exposição é uma realização do Instituto Artistas Latinas, com curadoria de Ana Carla Soler e co-curadoria de Francela Carrera e Carolina Rodrigues. A edição apresentada no MNBA reúne 47 artistas, conforme a reportagem da Folha de S.Paulo e a divulgação da mostra pela revista DASartes. Folha de S.Paulo+2

A escolha de um museu nacional para abrigar essa discussão também tem significado

simbólico: colocar no centro de uma instituição tradicional da arte brasileira histórias e protagonistas que, durante muito tempo, não tiveram espaço equivalente nas narrativas oficiais.

A arte como instrumento de reconstrução da memória

A exposição não se limita a apresentar ilustrações de personagens históricas. As obras estabelecem relações entre passado e presente, utilizando diferentes linguagens visuais para interpretar experiências de resistência, ancestralidade, identidade e liberdade.

Entre as artistas participantes estão nomes como Luna Bastos, Renata Felinto, Guilhermina Augusti, Lidia Lisbôa, Mônica Ventura, Aline Motta e Manuela Navas.

O projeto também dialoga com obras de artistas presentes no acervo do próprio museu, estabelecendo aproximações entre diferentes gerações e perspectivas da produção artística brasileira.

Essa relação entre arte contemporânea e patrimônio histórico amplia a discussão. Afinal, quando uma personagem histórica não possui retrato, fotografia ou documentação visual suficiente, como representá-la?

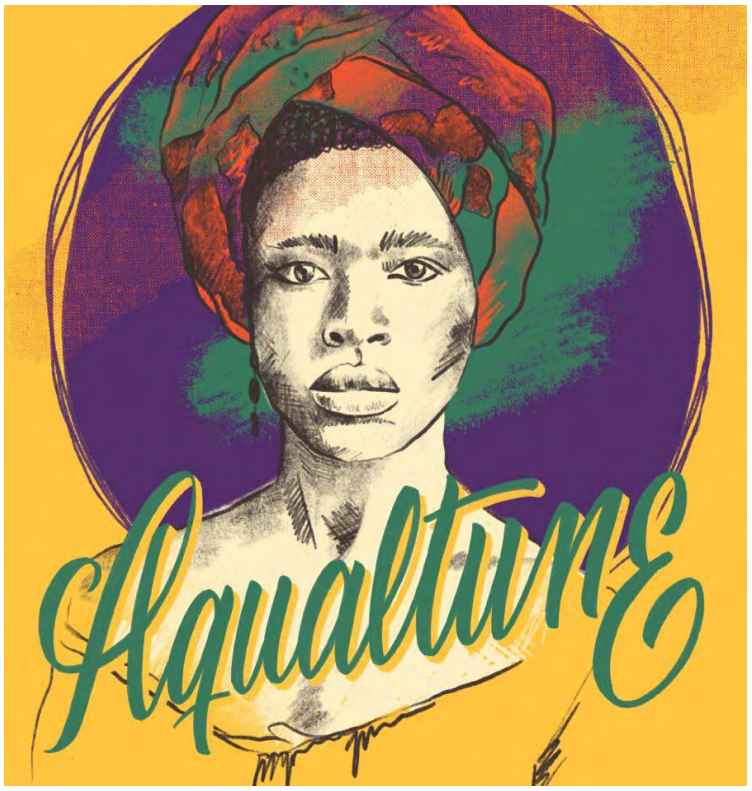
A resposta está na liberdade poética, na pesquisa, na memória coletiva e na imaginação artística. A obra não precisa fingir ser um documento histórico. Pode assumir-se como interpretação, homenagem e reconstrução simbólica.

Nesse sentido, a exposição demonstra que a arte não apenas representa a história: ela também participa da disputa sobre como essa história será lembrada.

Oito mulheres, oito trajetórias de resistência

As personagens escolhidas para a exposição representam diferentes períodos, regiões e formas de enfrentamento da escravidão. Algumas deixaram documentos, outras sobreviveram na tradição oral, em registros fragmentados e na memória coletiva.

Conhecer suas histórias é compreender que a luta pela liberdade não começou em 13 de maio de 1888. Ela atravessou séculos e foi protagonizada por pessoas escravizadas, quilombolas, intelectuais, trabalhadoras, lideranças comunitárias e mulheres que desafiaram as estruturas de seu tempo.



1. Aqualtune — liderança e resistência em Palmares

Associada à história do Quilombo dos Palmares, Aqualtune é lembrada como uma liderança negra de origem africana que teria participado da organização de um dos maiores territórios de resistência à escravidão no Brasil colonial.

Sua trajetória está ligada à ancestralidade africana e à construção de comunidades autônomas. Segundo a Fundação Cultural Palmares, ela é apresentada como mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi. Embora parte de sua biografia seja transmitida por narrativas históricas posteriores, sua presença representa a participação das mulheres na organização quilombola.

Fonte: Fundação Cultural Palmares.
Fun



2. Adelina — informação e resistência no Maranhão

Conhecida como Adelina, a Charuteira, essa mulher negra viveu no Maranhão escravista do século XIX. Sua atividade como vendedora de charutos permitia circular por diferentes espaços sociais e estabelecer contatos.

Sua atuação como informante do movimento abolicionista é lembrada como uma estratégia de resistência. A circulação de informações, a observação dos movimentos das autoridades e a colaboração com abolicionistas também eram formas de enfrentar o sistema escravista.

Fonte: Ibram e exposição Abolicionistas Brasileiras.



3. Esperança Garcia — a mulher que escreveu contra a violência

Em 6 de setembro de 1770, uma mulher negra escravizada no Piauí escreveu uma carta denunciando os maus-tratos que sofria, assim como as violências praticadas contra seus filhos e outras mulheres.

Seu nome era Esperança Garcia.

No documento, ela relatou agressões, separação familiar e impedimentos religiosos. Também pediu providências às autoridades para voltar a viver com seu marido.

A carta é um extraordinário testemunho de consciência jurídica e resistência. Redigida em um período no qual mulheres negras escravizadas eram privadas de direitos fundamentais, ela utilizou a escrita para denunciar a violência e reivindicar dignidade.

A Ordem dos Advogados do Brasil reconheceu simbolicamente Esperança como primeira advogada brasileira, em homenagem à sua atuação na defesa de direitos. Sua carta é frequentemente lembrada como um dos primeiros documentos de reivindicação jurídica produzidos por uma mulher negra no país.

Fonte: OAB Nacional e Instituto Esperança Garcia.



4. Anastácia — a imagem que se tornou símbolo de resistência

A figura conhecida como Escrava Anastácia ocupa um lugar importante no imaginário da

resistência negra brasileira.

Sua representação mais conhecida apresenta uma mulher negra usando uma máscara de ferro, instrumento associado às práticas de punição e controle dos corpos escravizados.

É necessário, entretanto, distinguir a força simbólica da personagem da documentação histórica disponível. Existem controvérsias sobre sua identidade, sua biografia e os episódios que deram origem à imagem popular.

Na exposição, Anastácia representa a violência imposta às mulheres escravizadas, mas também a recusa à submissão e a permanência de uma memória coletiva que não aceitou esquecer suas vítimas.

Fonte: Ibram.



5. Luiza Mahin — a resistência que atravessou gerações

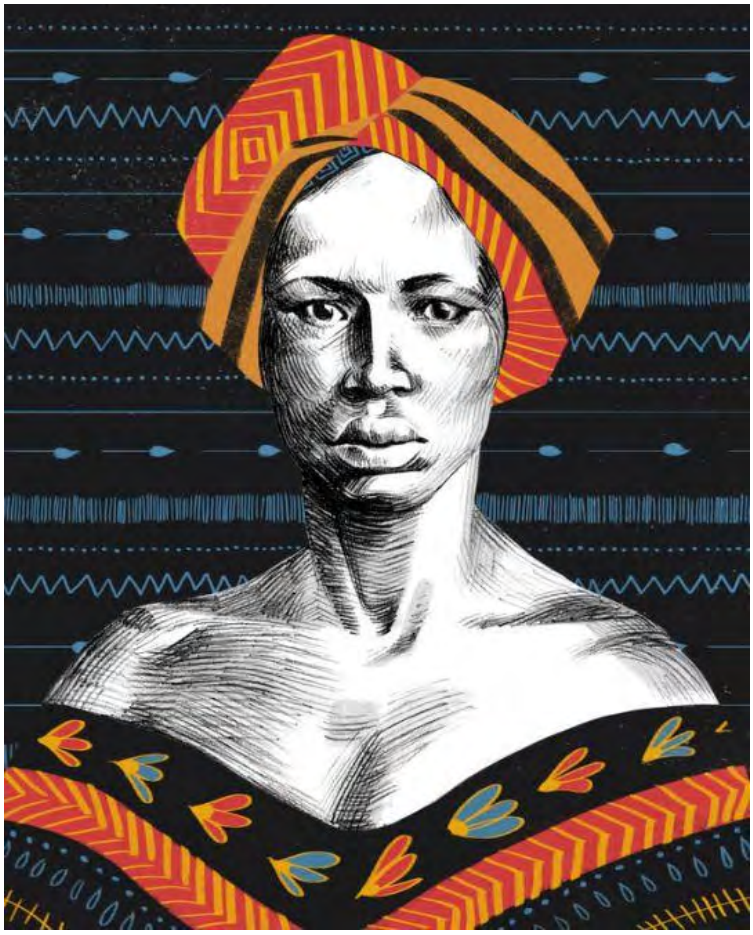
Luiza Mahin é uma das figuras mais conhecidas da memória da resistência negra na Bahia do século XIX.

Associada à Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador em 1835, sua história também está ligada à trajetória de seu filho, o advogado, poeta e abolicionista Luiz Gama.

A personagem aparece em narrativas sobre a articulação de movimentos de resistência e a circulação de mensagens entre pessoas negras. Entretanto, sua participação direta na revolta e outros episódios de sua vida não estão inteiramente comprovados por documentação histórica.

Essa ausência de registros não elimina sua importância como símbolo. Ao contrário, evidencia como a história das mulheres negras foi frequentemente preservada por outras formas de memória, especialmente a tradição oral e a literatura.

Fonte: Ministério das Mulheres.



6. Maria Felipa — a participação popular na Independência

Maria Felipa de Oliveira é lembrada por sua atuação na resistência às forças portuguesas durante as lutas pela Independência da Bahia, em 1822 e 1823.

Pescadora e trabalhadora da Ilha de Itaparica, teria liderado mulheres e homens na organização de ações contra as embarcações

portuguesas.

Sua trajetória rompe com a imagem tradicional da Independência, frequentemente concentrada em autoridades militares e políticas. Maria Felipa representa a participação de mulheres negras e das camadas populares na construção da soberania brasileira.

O Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) destaca sua atuação na mobilização de mulheres e na resistência popular em Itaparica.
Fonte: MAST



7. Maria Firmina dos Reis — a literatura como denúncia

Nascida no Maranhão, em 1822, Maria Firmina dos Reis foi professora, escritora, compositora e uma das figuras pioneiras da literatura brasileira.

Em 1859, publicou Úrsula, romance que ocupa lugar fundamental na história da literatura abolicionista nacional.

Sua obra apresenta personagens escravizados com voz, memória, sentimentos e humanidade, rompendo com representações literárias que os reduziam à condição de objetos ou figuras secundárias.

Em uma sociedade escravista, escrever sobre a violência da escravidão e dar protagonismo às personagens negras era também um gesto político e intelectual.

Maria Firmina fundou ainda uma escola gratuita e mista no Maranhão, demonstrando seu compromisso com a educação e a transformação social.

Fontes: USP e Ministério das Mulheres



8. Maria Tomásia Figueira Lima — a mobilização abolicionista no Ceará

Maria Tomásia Figueira Lima foi uma importante articuladora do movimento abolicionista cearense.

Sua atuação esteve ligada à Sociedade das Cearenses Libertadoras, organização feminina que participou de campanhas e iniciativas para libertar pessoas escravizadas.

O Ceará tornou-se a primeira província brasileira a abolir oficialmente a escravidão, em 25 de março de 1884, quatro anos antes da Lei Áurea.

A mobilização de mulheres, associações civis e trabalhadores foi parte importante desse processo. Maria Tomásia representa a força da organização coletiva feminina na luta abolicionista.

Fonte: Instituto do Ceará, estudo sobre o protagonismo feminino no movimento abolicionista cearense.



Lidia Lisbôa
Sem título (da série Tetas que deram de mamar ao mundo) [Untitled (from the Tetas que deram de mamar ao mundo series)], 2023
Crochet
94 1/2 x 86 5/8 x 86 5/8 in
240 x 220 x 220 cm
Copyright the Artist

Antes da Lei Áurea, já existia uma longa história de resistência
A abolição da escravidão no Brasil não foi um acontecimento isolado, nem resultado exclusivo de uma decisão da monarquia.

O processo foi construído por séculos de resistência da população negra. Quilombos, revoltas, fugas, ações judiciais, redes de solidariedade, movimentos populares e campanhas abolicionistas contribuíram para enfraquecer o regime escravista.

Em diferentes regiões, mulheres participaram dessas articulações. Algumas atuaram diretamente em movimentos organizados; outras utilizaram a escrita, a educação, o trabalho, a comunicação e a mobilização comunitária como instrumentos de enfrentamento.

A história de Esperança Garcia, por exemplo, mostra que a reivindicação de direitos já estava presente muito antes da organização dos grandes movimentos abolicionistas do século XIX.

Maria Firmina dos Reis, por sua vez, demonstra que a literatura também poderia funcionar como espaço de contestação social.

E Maria Tomásia Figueira Lima evidencia como a mobilização feminina foi importante para o avanço do abolicionismo no Ceará.

Essas trajetórias nos ajudam a compreender que a liberdade não foi simplesmente concedida. Foi conquistada por meio de uma longa e desigual luta.
13 de maio de 1888: o fim legal da escravidão não significou o fim da desigualdade
A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, encerrou juridicamente a escravidão no Brasil. Entretanto, não estabeleceu políticas amplas de reparação, distribuição de terras, inclusão educacional ou integração econômica para a população negra libertada.

Milhões de pessoas foram lançadas à liberdade formal sem que o Estado brasileiro garantisse condições materiais para uma vida digna.

A ausência de políticas de inclusão contribuiu para a perpetuação de desigualdades sociais e raciais que atravessaram gerações.

É nesse ponto que a exposição ultrapassa o resgate biográfico. Ao apresentar essas mulheres, a mostra também estabelece uma conexão entre a história da escravidão e os desafios contemporâneos relacionados ao racismo, à desigualdade, à representatividade e ao direito à memória.

A luta por liberdade não terminou com a assinatura de uma lei. A conquista de direitos exige reconhecimento, participação social e transformação das estruturas que produzem desigualdades.

A memória também é um território de disputa

Existe uma dimensão especialmente importante nessa exposição: a recuperação da memória não acontece apenas nos livros de história. Ela também acontece nos museus, nas escolas, na literatura, no cinema, na fotografia e nas artes visuais.

Durante muito tempo, a imagem da mulher negra na produção artística brasileira foi marcada por representações construídas a partir do olhar de terceiros. Frequentemente, essas mulheres apareciam como figuras anônimas, personagens subalternizadas ou representações estereotipadas.

A produção contemporânea de artistas negras vem questionando esse lugar.

Ao assumir o protagonismo da representação, essas artistas não estão apenas criando imagens sobre o passado. Estão produzindo novas possibilidades de interpretação da história, afirmando identidades e construindo outras referências para as gerações futuras.

A exposição Abolicionistas Brasileiras insere-se nesse movimento de revisão crítica da história da arte e da própria história nacional.

O museu, tradicionalmente associado à preservação de obras e narrativas consagradas, transforma-se também em espaço de questionamento. Quem foi retratado? Quem permaneceu invisível? Quais histórias foram consideradas dignas de preservação? E quais foram deixadas de fora?

Essas perguntas interessam não apenas à população negra, mas a toda sociedade brasileira.
Quando a arte devolve nomes à história
Uma das contribuições mais significativas de Abolicionistas Brasileiras é demonstrar que o apagamento histórico não precisa ser definitivo.

A arte tem a capacidade de reconstruir imaginários, estabelecer conexões entre gerações e devolver presença simbólica a personagens que não tiveram o reconhecimento merecido durante suas vidas.

Ao representar Aqualtune, Esperança Garcia, Adelina, Anastácia, Luiza Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Maria Tomásia Figueira Lima, os artistas participantes ajudam a construir uma narrativa que não se limita à história da escravidão.

Trata-se também da história da inteligência, da coragem, da produção cultural e da capacidade de organização das mulheres negras brasileiras.

O trabalho de recuperação dessas trajetórias é especialmente importante porque muitas delas não deixaram retratos, fotografias ou arquivos pessoais. Em alguns casos, os registros são fragmentários; em outros, a tradição oral ocupa um papel fundamental.

É necessário reconhecer essas diferenças e evitar transformar hipóteses em fatos históricos. Mas também é necessário compreender que a falta de documentação produzida pelas instituições de poder não significa ausência de história.

A memória de um povo não se encontra exclusivamente nos arquivos oficiais.

Ela também está nos relatos familiares, nas tradições culturais, nos territórios, nas manifestações artísticas e nas experiências

transmitidas entre gerações.

Abolicionistas Brasileiras nos lembra que a história do Brasil precisa ser contada também pelas mulheres que lutaram para transformá-lo.

E talvez essa seja uma das maiores contribuições da exposição: mostrar que recuperar essas histórias não é apenas olhar para o passado. É ampliar o repertório de referências com o qual o Brasil pensa seu presente e imagina seu futuro.



Local: Museu Nacional de Belas Artes — Sala Bernardelli.

Endereço: Avenida Rio Branco, 199, Centro, Rio de Janeiro (RJ).

Período: 16 de setembro a 19 de dezembro de 2026.

Horário: terça a sábado, das 11h às 17h.

Entrada: gratuita.

Realização: Instituto Artistas Latinas.

Curadoria: Ana Carla Soler.

Co-curadoria: Francela Carrera e Carolina Rodrigues.

Projeto expográfico: Gisele de Paula.

Fontes e referências para aprofundamento

1. Folha de S.Paulo — Exposição resgata mulheres que lutaram pelo fim da escravidão no Brasil. Reportagem de 2 de novembro de 2026.
2. Instituto Brasileiro de Museus — Museu Nacional de Belas Artes apresenta Abolicionistas Brasileiras.
3. OAB — Leia a Carta de Esperança Garcia.
4. USP — Maria Firmina dos Reis.
5. Museu de Astronomia e Ciências Afins — Maria Felipa de Oliveira.
6. Fundação Cultural Palmares — Aqualtune.
7. Instituto do Ceará — O protagonismo feminino no movimento abolicionista cearense.
8. Ministério das Mulheres — Conheça mulheres negras que lutaram pela abolição da escravatura

ArteQueAcontece
https://artequeacontece.com.br/8-obras-de-arte-brasileiras-para-pensar-o-terror/

8 obras de arte brasileiras para pensar o terror



Obra "Fantasmagoria IV" (1987), de Iberê Camargo. Foto: Fabio Del Re_VivaFoto

Trabalhos de diferentes movimentos artísticos incorporam elementos que remetem a uma estética mais sombria

por Jennifer de Carvalho
30 de outubro de 2026
Tempo de leitura: 4 minutos

Fantasias e decorações de terror são características do Halloween, celebrado anualmente em 31 de outubro. No mundo das artes visuais, a estética sombria aparece em diferentes movimentos, como no modernismo, surrealismo, expressionismo e na arte contemporânea, por exemplo.
Paletas de cores mais frias, temáticas melancólicas e cenários decadentes compõem obras de vários artistas. No Brasil, esses elementos são usados em vários trabalhos, não só para mostrar um estilo, mas também para provocar reflexões sobre questões sociais. Veja a seleção preparada pelo AQA abaixo.

Oswaldo Goeldi, "Casa do Terror" (1953)



Foto: Eduardo Castanho / Itaú Cultural

Silhuetas fantasmagóricas e cenários urbanos fazem parte de muitos desenhos de Goeldi. Em seus trabalhos, as casas aparecem solitárias e tortas, com janelas que remetem a olhos. A obra "Casa do Terror" foi feita com carvão e conté sobre papel, produzindo um sombreamento mais denso.

Iberê Camargo, "Tudo te é falso e inútil IV" (1992)

O trabalho faz parte de uma série intitulada "Tudo te é falso e inútil", em que a figura apresentada exibe um sorriso que parece angustiado e vazio. O fundo é algo que também chama atenção, por ser algo borrado e sem forma definida. Já os tons de azul e branco-prateados remetem à noite.



Foto: Fundação Iberê

Candido Portinari, “Espantalho” (1941)



Foto: Projeto Portinari

A figura do espantalho costuma causar estranhamento e ser associada a algo assustador. Nessa obra de Portinari, o boneco se encontra em um terreno árido, cercado de galinhas e aves voando ao fundo. Para a pintura, o artista misturou diferentes tonalidades, como azul, amarelo, terra, ocres, preto, vermelho e branco.

Eduardo Berliner, “A Águia Flechada” (2013)

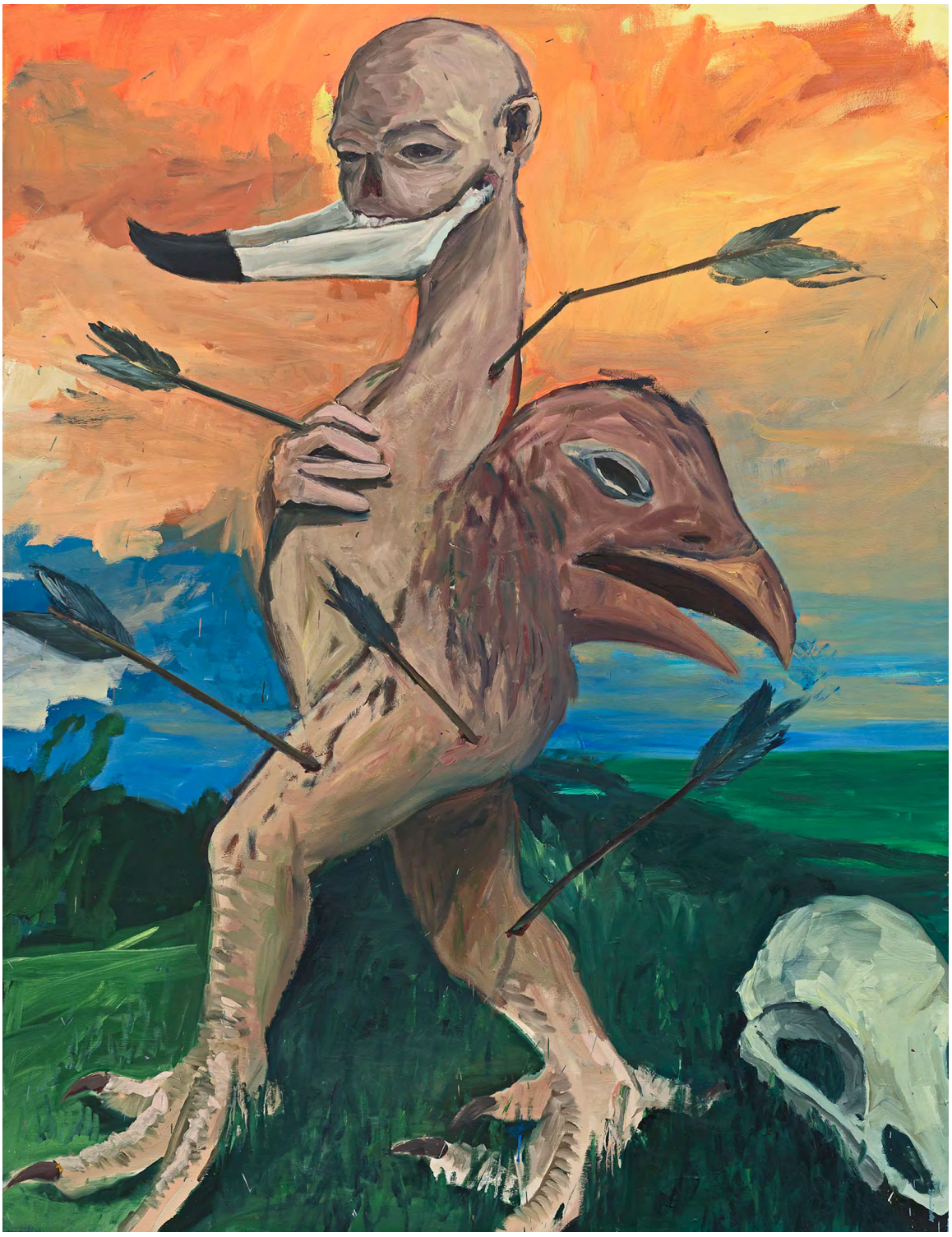


Foto: Reprodução / Coleção Daros Latinamerica, Zurique

A obra é inspirada em um conto em que uma águia sofre uma flechada feita com a própria pena e, para desenvolvê-la, o artista tirou a fotografia de uma instalação. Diversos elementos na pintura podem causar estranhamento, como a composição com pés de galinha. Essa sensação, aliás, é algo que faz parte da produção de Berliner.

Adriana Varejão, “Azulejaria Verde em Carne Viva” (2000)



Obras viscerais e com interiores à mostra fazem parte de muitas produções da artista. Neste trabalho, é possível observar tripas brotando de azulejos de uma forma quase realista. A obra foi feita a óleo sobre tela, com poliuretano em suporte de alumínio e madeira.

Foto: Reprodução / Itaú Cultural

Luisa Callegari, “Quebrada (cadeira)”, 2025

A artista atua no campo do corpo e da violência, abordando questões de gênero e sexualidade. A pele, por exemplo, é algo bastante explorado em seu trabalho. A obra “Quebrada (cadeira)” é um exemplo, a qual foi construída por meio de diferentes materiais, como: manequim, encáustica, porcelana fria, cabelo sintético e ferragens.



Foto: Reprodução / Luisa Callegari

Berna Reale, “Quando Todos Calam” (2009)



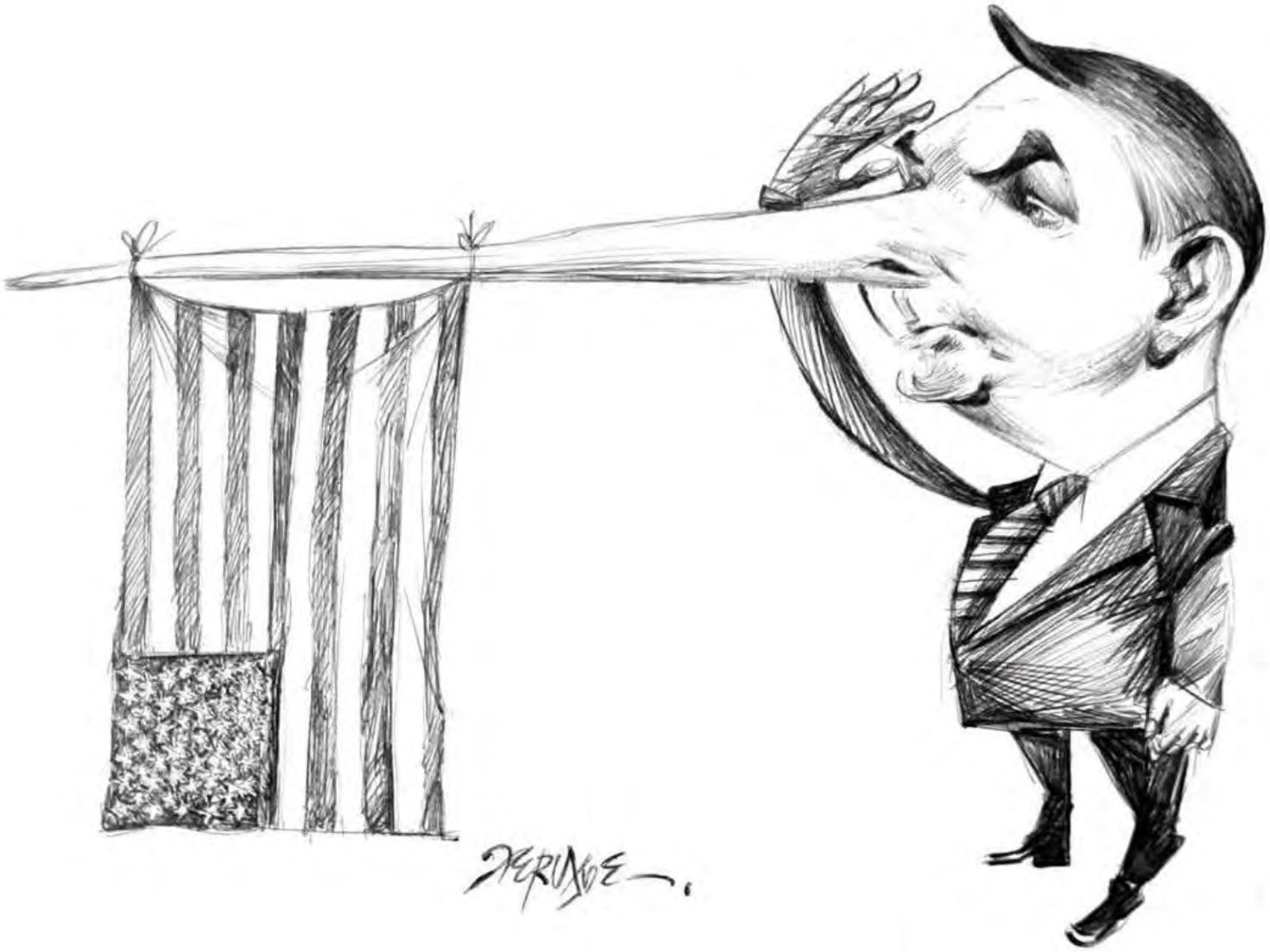
Fotografia com jato de tinta mineral sobre papel e moldura imbuia com vidro, a obra mostra uma figura nua e coberta com vísceras. Trata-se também de uma performance, em que Reale está deitada sobre uma mesa em um cenário repleto de urubus. Temas como violência, desigualdade e poder são constantes em sua produção.

Tatiana Blass, “Os Sentados” (2022)



Foto: Ana Pigosso

O aspecto teatral é algo bastante presente nas obras da artista. Nesta escultura, uma figura humana, em cera, encontra-se sentada abaixo de uma lâmpada que faz o material derreter por conta do calor. Assim, a figura vai se transformando com o tempo até que a cadeira seja revelada.






LOSER
QU
CHO

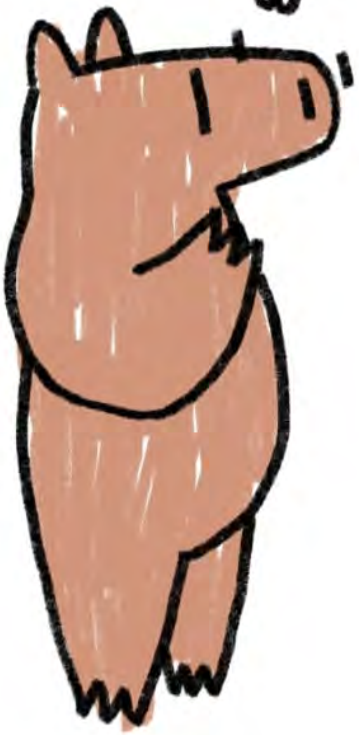

ALÓ, HIJO, ¿CUÁNDO ME VAS A INDULTAR?
JAIR
PAPÁ, TENGO QUE CONTARTE ALGO...
MALAIMAGEN



ADEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA!



ESSA ERA A POLÍTICA DA MUDANÇA ENTÃO?



@CAPIVARINHAPANTANEIRA


FLÁVIO
BOLSONARO
LATUFF
2026

Kesia Rodrigues



FUNCAP
FUNDAÇÃO DE CULTURA E ARTE APERIPÊ DE SERGIPE

SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

LEI PAULO GUSTAVO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

“Meu Nordeste”: Kesia Rodrigues lança EP autoral que celebra a tradição do forró

A cantora e produtora cultural Kesia Rodrigues apresenta ao público seu mais novo trabalho autoral, o EP “Meu Nordeste”, um projeto que nasce como um verdadeiro tributo à identidade, à memória afetiva e à força da cultura nordestina. Com lançamento marcado para o dia 23 de maio em todas as plataformas digitais, o EP chega em sintonia com o período junino, reforçando a conexão com uma das mais importantes manifestações culturais da região.

Com uma sonoridade que valoriza o forró tradicional, o trabalho mergulha nas raízes do gênero, preservando elementos que atravessam gerações e mantêm viva a essência do autêntico forró nordestino. Ao mesmo tempo, o repertório dialoga com o presente ao trazer nuances do forró romântico, criando uma experiência musical que convida tanto à dança quanto à escuta sensível.

O EP é composto por cinco faixas, incluindo a canção “Meu Nordeste”, já conhecida pelo público em parceria com João Araújo, além de quatro músicas inéditas. As composições e a produção musical foram construídas de forma colaborativa, reunindo parcerias com artistas e amigos, em um processo criativo que fortalece os laços afetivos e artísticos presentes na trajetória da cantora.

Mais do que um lançamento musical, “Meu Nordeste” representa também a potência das políticas públicas de incentivo à cultura. O projeto foi viabilizado com recursos da Lei Paulo Gustavo, contando com o apoio da FUNCAP e do Governo de Sergipe, reafirmando a importância do investimento público para a continuidade e valorização da produção artística local.
Com este trabalho, Kesia Rodrigues reafirma seu compromisso com a valorização da cultura nordestina, apresentando um EP que não apenas celebra o forró, mas também contribui para a manutenção e difusão de uma tradição que é patrimônio vivo do Brasil.



TELA BRASIL

Assistir a obras audiovisuais brasileiras na plataforma

A plataforma Tela Brasil é um serviço público digital que permite ao cidadão assistir gratuitamente a obras audiovisuais brasileiras pela internet.

O serviço funciona no formato de vídeo sob demanda (streaming público), sem cobrança de assinatura, e integrado à conta gov.br, facilitando e tornando mais seguro o acesso do usuário.

O acervo reúne obras audiovisuais brasileiras, abrangendo diferentes gêneros, como ficção, documentário, animação e experimental, contribuindo para a difusão cultural em todo o território nacional. Na plataforma, a maior parte do catálogo dos filmes conta com recursos de acessibilidade, como legendas descritivas, audiodescrição e tradução em Libras, promovendo inclusão e garantindo que mais pessoas possam acessar e usufruir dos conteúdos disponíveis.

O objetivo é ampliar e democratizar o acesso da população ao audiovisual brasileiro, valorizando a produção nacional e promovendo a diversidade cultural do país.

Ao disponibilizar gratuitamente conteúdos audiovisuais pela internet, o serviço contribui para reduzir barreiras de acesso — geográficas, econômicas e sociais —, permitindo que mais pessoas tenham contato com obras brasileiras.

ASSISTA AGORA

PODE, CHEFE? PODCAST

UMA MARCA REGISTRADA QUE INSPIRA HISTÓRIAS E CONEXÕES

Pode, Chefe?® PODCAST

PODE, CHEFE? PODCAST: O ESPAÇO DO DIÁLOGO E APRENDIZADO

Criado e apresentado por Aurélio Pereira e Ronilson Rony, o podcast tem como missão dar voz a pessoas que transformam suas áreas de atuação por meio da cultura, educação, empreendedorismo, gestão, inovação e desenvolvimento humano.
Mais do que entrevistas, cada episódio se transforma em uma oportunidade de reflexão, troca de conhecimento e inspiração.



O projeto vem conquistando espaço nas principais plataformas digitais, fortalecendo sua comunidade e ampliando seu alcance a cada temporada.

O registro da marca representa um importante marco institucional, garantindo proteção jurídica e consolidando o valor construído ao longo dos anos. É o reconhecimento de um trabalho pautado pela seriedade, criatividade e compromisso com a comunicação.



CLIQUE AQUI

AURÉLIO PEREIRA

RONILSON RONY


SERVIÇO DE
CHEF
no seu evento
EVENTOS EM GERAL
CARDÁPIOS PERSONALIZADOS
ASSESSORIA COMPLETA
DECORAÇÃO
MESA POSTA
CONTATO
43 98807-4789
@chefeluiviamantovani
@mantovanieventos



https://nanu.blog.br/



O streaming gratuito dos cinemas negros

A diversidade afrodiaspórica pelas lentes

de pessoas negras

https://www.ubuplay.com/







Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azzyllo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;
Autor do Projeto radiofônico e televisivo "Azylo Hotel " desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no "Dia Mundial do Rock" na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina "Papo de Rock" com palestras educativas sobre a história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;
Produtor/Apresentador do Projeto "Azylo Hotel Live" gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, "Blues Hotel" estreiou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
https://www.instagram.com/azylohotel https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano Canal Azylo Hotel (YouTube)


DISQUE 100
RACISMO
RACISMO É CRIME! DENUNCIE!
AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!
LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.

D-ARTE

REVISTA
D-ARTE
O LUGAR DE TODAS
AS ARTES

EDIÇÃO
#42
OUT 2026



BRAVA GENTE BRASILEIRA
Homenagem ao dia do nordestino 08/10

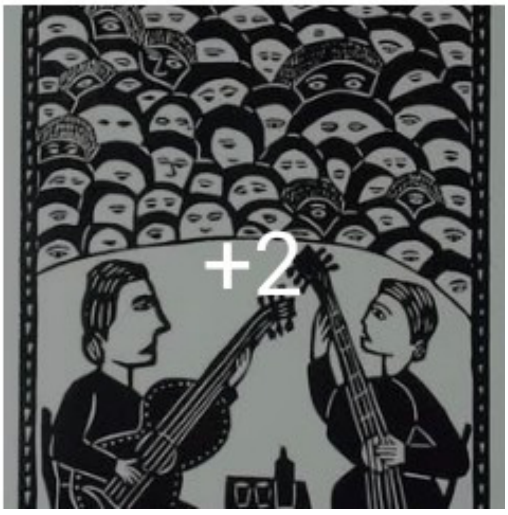
Eu sou o sal da terra
O grão que faz a semente,
Que nunca foge da guerra
Um fazedo de repente.
Cumprindo minha jornada,
Sou lá de Serra Talhada
Um nordestino valente.

Meu pai um velho guerreiro
Vaqueiro desde menino,
De luta é meu companheiro,
Desde que fui pequenino:
Venho lá do nordeste
Também sou caba da peste,
Terra que deu Virgulino.

Sidnei Benevides







ELA DISSE SIM… MAS SERÁ QUE ELE É CAPAZ DE AMAR?

Um vestido de noiva extraordinário, apresentado na revista VOGUE de 12 de fevereiro de 2026, inspirou-me a criar esta pintura.

Ela disse sim – ao parceiro aparentemente perfeito.

Ele a escuta. Ele a compreende. Não discute, nunca levanta a voz e a aceita exatamente como ela é.

Que mulher nunca desejou isso, pelo menos de vez em quando?

Mas quem a abraçará porque seu coração bate mais forte de amor? Quem sentirá saudades dela quando não estiver por perto?

Será que uma máquina pode oferecer amor – ou apenas a sensação de ser amada?

E o que acontecerá conosco, seres humanos, quando já não estivermos dispostos a compartilhar nossos defeitos, nossas lágrimas, nossa paixão e nossas reconciliações?

Talvez um dia não percamos o amor para as máquinas – mas sim a coragem de amar uns aos outros de verdade.

Com esta pintura, não quero julgar ninguém, mas tocar corações e despertar reflexões.

Com carinho,

Veronika Gahl
Artista austríaca residente no Brasil

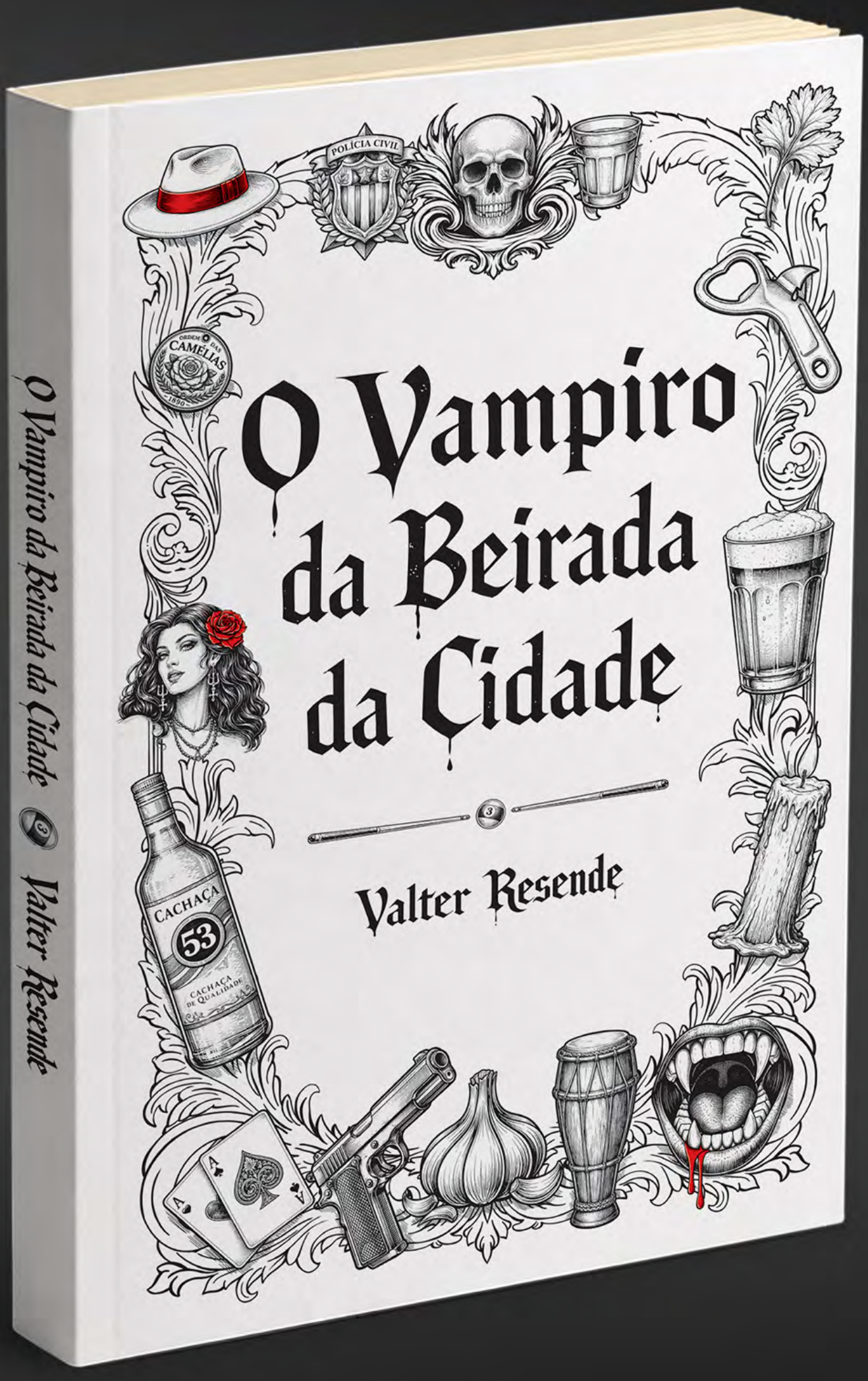
Informações sobre a obra

Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 78 × 90 cm

Contato – WhatsApp: +43 699 11382651

Site: https://seagar.gold/veronikagahlarts/




POLÍCIA CIVIL
ORDEM DAS CAMÉLIAS
1890
CACHAÇA
53
CACHAÇA DE QUALIDADE
O Vampiro da Beirada da Cidade
Valter Resende



Vampiro circula pela periferia paulistana em novo livro de Valter Resende

O escritor Valter Resende lança O Vampiro da Beirada da Cidade, obra que mistura horror urbano, suspense e crítica social em uma narrativa ambientada na periferia de São Paulo. Com 216 páginas, o livro apresenta ao leitor um vampiro incomum: longe dos castelos europeus e das mansões góticas, o personagem conhecido como Sangue Bom percorre ruas, bares, pontos de ônibus e bairros populares, observando as transformações da cidade e de seus habitantes.

A obra reúne histórias que exploram desaparecimentos misteriosos, encontros improváveis e situações marcadas pela violência urbana, desigualdade social, humor e elementos da cultura popular brasileira. O resultado é uma abordagem original do mito do vampiro, transportado para um cenário reconhecível por milhões de brasileiros.

Segundo o autor, a proposta foi criar um personagem fantástico inserido em um ambiente cotidiano, aproximando o horror da realidade vivida nos grandes centros urbanos. O livro também dialoga com tradições da literatura fantástica nacional, sem abrir mão de referências à vida nas bordas da metrópole.

A edição especial vendida diretamente pelo autor conta com capa com orelhas e ilustrações impressas na parte interna da capa. Essa versão pode ser adquirida por R$ 45,00 mais frete, mediante contato pelo e-mail valteresende@gmail.com.

Para leitores que vivem fora do Brasil, a opção mais prática é a edição um pouco mais simples mas com o mesmo conteúdo disponível pela Amazon.com, comercializada por aproximadamente US$ 10,00.

Já os leitores digitais podem adquirir o eBook Kindle na Amazon Brasil por R$ 5,00. Assinantes do Kindle Unlimited têm acesso à obra sem custo adicional durante o período em que ela permanecer disponível no programa.

Combinando horror, mistério e um olhar atento para a realidade brasileira, O Vampiro da Beirada da Cidade apresenta uma nova perspectiva sobre uma das figuras mais tradicionais da literatura fantástica, provando que até mesmo um vampiro pode encontrar seu lugar na maior cidade do país.





3:13
Espero
Tudo vai mudar
Tudo não mudou
3:14

É um jogo
4:20
Uma nova notícia
Não era o que eu esperava mas,
a Belinha, era o que ela esprava

5:03
O primeiro ônibus passa
Ainda escuro
Só vejo o clarão do ônibus que passa
A rua escura

5:04
De novo o cachorro late
Nada acontece de novo

5:05 já era

O céu, de escuro
Agora cinza

5:25
Céu laranja
Não resolvo o que não posso
Espero pelo próximo
Dez minutos atrasado
Será que quebro?

Nada é controlado
Do outro lado
Muro pixado
O gato preto de três patas atravessa correndo para não ser atropelado, de novo

6:20
Tudo claro
Não na minha cabeça
Nada acabou
O sol apareceu
Parece que vai chover?
E, acho que não
Tudo acho
O mundo continua

7:20
Vou descer
Um mundo acordou
E outro foi dormir
Se vão acordar ou se vão sonhar...
Aí é o outro lado da história
Já é 10:00

Poesias Wilson lirio
Nome: NADA DE CONTROLE
08-10-2026

AINDA QUE OS TOLOS ESQUECAM

POESIA: WILSON LIRIO - 26/10/2026

Que, até dormente
Espero pela noite dos aflitos
Onde, nem dor, nem prazer

Que
Até sustentei o inimigo
Até o abuso
de não acreditar no retorno
e agora, aqui está

O inimigo que sou de mim mesmo
Que corro em volta de mim
e, a procura de mim
Então fujo

Para onde
Os montes de areia mudam de lugar
e até os buracos não são para sempre
São ainda refúgio

Dormente continuo
Como os dormentes esquecidos
na beira dos trilhos
onde também já não há mais
os transportes sobre os trilhos

Dormentes esquecidos
Assim, também sou

Como a mim entregue
O medo da dúvida
O susto esperado
A morte de um sobrevivente qualquer
sobre um túmulo qualquer
De uma pedra que ainda fria
é mais quente que a minha esperança
em ti ó, covarde e inútil ser

Vibrarei agora
Sobre o caldo dos ossos esquecidos
Despejarei nesse pote sujo
que guardo há tempos
E, espero que me alimente
por essa noite
e então perceberei que
estou ainda vivo

e ainda vivo, espero o fim
da sua mais inútil sobrevivência
desapercebida por muitos
e esquecida por todos

Porque até ontem
adormecido estava eu
mas, agora...

Vitorioso sou.

Que um dia, esperei você
Aquele dia que, estive com com você

Você estava leve menina
Acariciava o cãozinho que encontrara na rua

Faz já tempo
Que não ouço sua voz
Não sinto teu cheiro
Nem vejo seus lindos cachos lutando contra o vento

Queria estar contigo
Gostaria que estivesse comigo
Que falta você me faz
Dói mas, assim será

Já estive naquele lago
Já vi você chegar perto de mim
Mas era sonho

Lembro de nossos acampamentos
Onde parecia que nunca ia acabar

Lembro
Do nosso primeiro encontro
Sorvete de bola, picolé

Mas até que parece que demorou
Mas, agora
Parece que a sua volta nunca chega

Nós brincávamos nas correntesas do asfalto
Chuva caindo e um banho em baixo do cano
E o cano virava cachoeira

Vivemos
Alegria
Dançamos
Não tinha dia
Mas

Gostaria que estivesse comigo
Gostaria é!
Gostaria estar contigo
Que falta você me faz
Dói mas, é assim

Continuo indo
Te espero
Na estação de trêm
Qual será a estação
Inverno, verão
Já faz tempo
Ainda te espero na porta da escola mas, você não vem

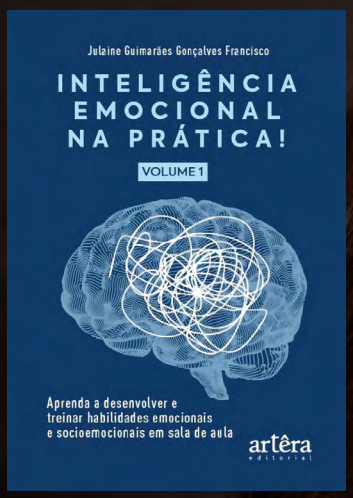
Te espero
Já faz um tempo
Dói
Mas, é assim
Dói
Mas, espero
Talvez um dia
Talvez outra noite
Talvez no inverno
Talvez, talvez.

Poesia Wilson lirio
Nome: TALVEZ UM DIA
10/11/2026



Julaine Guimarães

A Coragem de Ser



A CORAGEM DE SER
De mulher para mulher: um convite ao despertar mental e emocional
QUANDO VOCÊ PERCEBE QUE MUDOU
Nem sempre a mudança chega fazendo barulho. Às vezes, ela começa quando aquilo que antes fazia sentido já não combina mais com quem você se tornou.
Há momentos em que você olha para a própria vida e percebe algo difícil de explicar.
Está tudo aparentemente no lugar, mas alguma coisa mudou.
O que antes despertava entusiasmo já não desperta.
Algumas escolhas começam a incomodar.
Certas conversas já não fazem sentido.
Alguns ambientes parecem pequenos demais.
E até aquilo que você sempre disse sobre si mesma começa a ser questionado.
Talvez você esteja mudando.
E nem sempre sabemos reconhecer isso.
Ao longo da vida, construímos uma ideia sobre quem somos. Ela é formada pelas experiências que vivemos, pelas relações que estabelecemos, pelos papéis que assumimos, pelas escolhas que fazemos e também pelas expectativas que aprendemos a atender.
Somos filhas, mães, profissionais, companheiras, amigas, cuidadoras, empreendedoras, estudantes.
Cada papel acrescenta alguma coisa à nossa história.
Mas existe uma pergunta que, em meio a tantos papéis, pode acabar ficando esquecida:
Quem sou eu além de tudo aquilo que faço?
Nossa identidade não é uma fotografia definitiva.
Ela se transforma à medida que vivemos, aprendemos, enfrentamos desafios e descobrimos novas possibilidades sobre nós mesmas.
Por isso, mudar não significa necessariamente estar perdida.
Às vezes, significa simplesmente que você cresceu.
O problema começa quando tentamos continuar vivendo de acordo com uma versão antiga de nós mesmas.
Você pode ter escolhido uma profissão em determinado momento e hoje desejar outra direção.
Pode ter valorizado determinadas coisas e perceber que suas prioridades mudaram.
Pode ter passado anos tentando agradar, corresponder e fazer tudo “do jeito certo” e, em algum momento, começar a desejar fazer do seu jeito.
Isso não significa ingratidão.
Significa transformação.
Na prática, muitas vezes continuamos repetindo frases como:
“Eu sempre fui assim.”
“Eu não consigo fazer isso.”
“Esse não é o meu jeito.”
“Depois de tudo o que construí, não posso mudar.”
Mas será que essas frases ainda representam quem você é?
Ou representam quem você precisou ser em algum momento da sua história?
Essa é uma pergunta importante.
Porque reconhecer que você mudou não significa rejeitar quem você foi.
Pelo contrário.
É olhar para a própria história com respeito e reconhecer que aquela mulher fez o melhor que podia com os recursos, conhecimentos e possibilidades que tinha naquele momento.
Mas você não precisa permanecer a mesma para honrar a sua história.
Talvez uma das formas mais bonitas de amadurecer seja permitir-se atualizar a própria identidade.
Perguntar:
O que ainda faz sentido para mim?
O que deixou de fazer?

O que eu desejo experimentar?
Que parte de mim está pedindo espaço?
Não precisamos ter todas as respostas imediatamente.
Algumas respostas aparecem justamente quando começamos a fazer perguntas diferentes.
E talvez seja esse o primeiro sinal de uma nova fase: quando você deixa de perguntar apenas “o que esperam de mim?” e começa a perguntar também:
“O que faz sentido para mim agora?”

UMA PAUSA PARA VOCÊ

Reserve alguns minutos esta semana e complete a frase:
Hoje, eu percebo que já não sou a mesma mulher que...
Escreva sem corrigir, sem julgar e sem tentar encontrar uma resposta bonita.
Depois pergunte:
E quem estou me tornando?
Não é necessário responder tudo.
Apenas observe.
Porque reconhecer uma mudança interna é, muitas vezes, o começo de uma escolha consciente.

PARA LEVAR COM VOCÊ

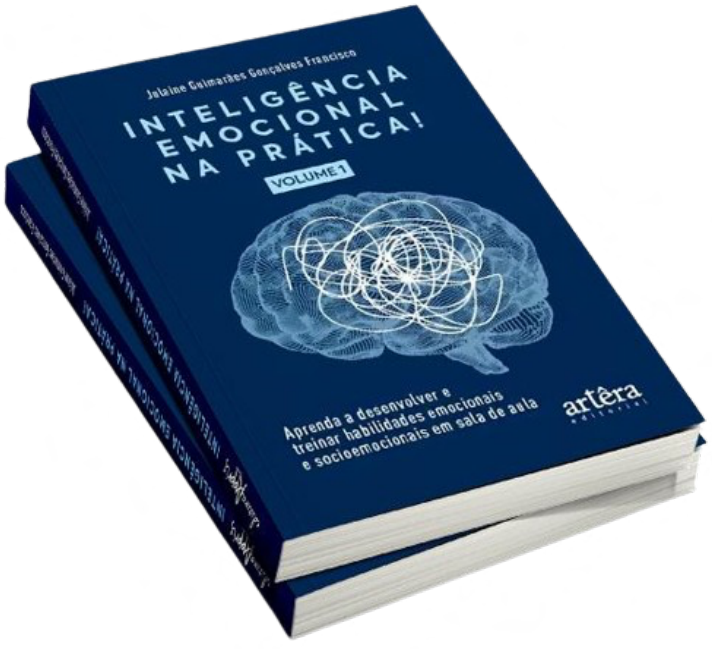
Você não precisa abandonar quem foi para dar espaço a quem está se tornando.
Talvez perceber que você mudou seja apenas o começo.
Porque, depois de reconhecer quem você não é mais, surge uma pergunta ainda mais profunda:
Quem você quer ser daqui para frente?
Essa é uma conversa que continuaremos na próxima edição.

CONTINUE ESSA CONVERSA

Para acompanhar mais reflexões sobre desenvolvimento humano, inteligência emocional, comportamento e os diferentes caminhos de ser mulher, siga @julainegui.
Atendimentos e informações: entre em contato pelo WhatsApp: 43 999637029
Julaine Guimarães
Mentora de mulheres | Palestrante | Escritora

A CORAGEM DE SER

Uma reflexão por mês. Uma nova pergunta a cada edição.



Evandro Valentim



25/10/2026, expectativa

Leitura que fiz há tempos ressurgiu naquele 25 de outubro. Provável decorrer da atmosfera relacionada ao segundo turno da eleição.
Uma antiga obra de Fernando Sabino, meu cronista predileto, continha o curioso episódio por ele contado sobre o início de sua caminhada literária. Trago-o aqui.
Lidava o então desconhecido futuro talento literário brasileiro, com grande expectativa, impaciente como o são os jovens.
Ansiedade: a palavra sintetizava o momento de Sabino. “Quanta demora!” — Pensava.
Procurava atenuar o desassossego com prazerosa atividade, livros, porém, a inquietude que o assolava sobrepunha-se à compreensão das tramas e conteúdo das páginas.
Restava-lhe ouvir o aborrecido tiquetaquear do grande relógio da sala.
Eis que, finalmente, surgiu o carteiro a carregar a grande mochila recheada de cartas.
“Será que minha resposta está naquela mochila?”.
— Infelizmente não tenho cartas para esta casa. — Disse-lhe o mensageiro do Correio.
Desespero? Ainda não. O jovem conseguiu superar a sensação pela negativa ouvida.
Entardeceu e, como sempre ocorre, anoiteceu em seguida. Dormir era preciso, mas cadê o sono? Insensível ao estado de ânimo do jovem escritor, não veio.
“Não de novo! Calma” — Pensou — “Nada de cultivar vãs esperanças”.
Todas aquelas emoções até então experimentadas, tornaram-se lava no interior de vulcão, assim que o funcionário do Correio, dias depois, entregou-lhe o aguardado envelope.
Ele, Sabino, almejava muito uma avaliação positiva de seu conto enviado à editora, contudo, para sacramentar o compromisso de que nunca mais se deixaria dominar pela ansiedade, rasgou o envelope e seu conteúdo em pequeníssimos pedaços, e jamais soube como foi avaliado o seu texto.
Da mesma forma que o jovem Sabino, eu aguardava a contagem do último voto.
Ousei, sim, manter acessa a chama da esperança. Sabia não estar só.
Bafejos daquela que é a última a morrer insistiam em perdurar. Teimosa!
Receios, claro, também se apresentavam, quem se diria pleno de certeza?
“Amanhã será um dia da mais louca alegria...”* — Canção a tocar em minha mente.
Sentia, respeitadas as proporções, o mesmo que um certo jovem aspirante a escritor.
Impossível a neutralidade diante dos futuros extremos e díspares que nos aguardavam.
Linha final da crônica. Encerro-a e peço que descubram a revelação quando se lê a primeira letra de cada parágrafo.

(*) AMANHÃ. Composição e interpretação: Guilherme Arantes. In: AMANHÃ, Elektra,

Dias Campos

O JARDINEIRO QUE FALAVA COM AS PLANTAS

A Casa de Repouso Jardim das Hortênsias era um exemplo a ser seguido. O atendimento aos idosos era personalizado; o ambiente, propício à socialização; as atividades físicas e lúdicas a todos estimulavam; os cuidados médico e dentário nada deviam aos melhores planos de saúde; e a escolha dos funcionários obedecia à rigorosa seleção.
A mensalidade era, portanto, salgada. Mas os responsáveis a honravam com prazer, pois, além de reconhecerem a seriedade desses diferenciais, viam os resultados estampados nos rostos dos moradores.
Mas como tudo o que é bom pode ficar melhor, a contratação de um novo jardineiro foi, aos poucos, elevando ainda mais o astral daquele lugar. E isso se devia não apenas à afabilidade que lhe era natural, mas, sobretudo, à maneira peculiar com que exercia a sua atividade.
Esse modo, não o inventara, tanto que muitos há que o praticam. No entanto, o conversar com as plantas como se fossem íntimos, com certeza fazia de seu João um profissional que destoava, uma vez que o comum é ver um jardineiro trabalhando sozinho e em silêncio. E se estiverem em dupla, o máximo que fazem é falarem entre si.
Fosse como fosse, seu João seguia papeando com as plantas, estivessem a céu aberto ou em vasos espalhados pelas dependências do Jardim das Hortênsias. Apenas que, neste último caso, o diálogo realizava-se a baixa voz, seja para não incomodar um idoso que estivesse próximo, seja porque muitos dos assuntos tratados tinham um caráter de confidencialidade.
O jardineiro tratava as plantas com a mesma deferência dispensada a qualquer pessoa. Daí que só iniciava um bate-papo depois do devido cumprimento – bom dia ou boa tarde. Em seguida, queria saber se estavam com sede ou se se ressentiam da marca do adubo. E as regava até que se dissessem satisfeitas, e prometia às descontentes mudar o fertilizante assim que a verba fosse liberada.
Era claro que os assuntos não poderiam estender-se, visto que plantas e trabalho havia de sobra. Mas seu João sabia quando e como parar, de maneira que nenhuma delas ficava melindrada.
E o fazia enaltecendo o viço nas suculentas; elas agradeciam, e retribuíam com mesuras e bons conselhos. Seguia parabenizando a escolha do modelito pelas rendas-portuguesas; elas sorriam, e faziam rodar os vestidos. E prosseguia louvando as formas, as cores e as fragrâncias com que as flores o brindavam a cada novo dia; e elas, apaixonadas,

delongavam-se em seus atributos, fazendo com que os moradores e funcionários mais e mais admirassem o trabalho do novo jardineiro.
É claro que havia quem desfizesse da maneira que seu João trabalhava. Afinal, observar um homenzarrão, com pouco mais de quarenta anos, tagarelando com vegetais era, no mínimo, caricato. Mas o jardineiro, que não era surdo, dava de ombros, já que o importante era respeitar os contrários, o que sempre garantiria um bom convívio.
Entretanto, como a esmagadora maioria das pessoas tinha se acostumado com o método empregado por seu João, alguns idosos, porque estimulados com o que constatavam, também passaram a imitá-lo. De início tímidos, receosos, só pronunciavam poucas palavras e apenas com as plantas que decoravam os seus aposentos. Posteriormente, as conversas aconteciam em qualquer local, e chegavam mesmo a empolgar.
Havia quem elegesse os girassóis para compartilhar a vitória no campeonato de tranca; quem optasse pelos cactos visando a dardejar o companheiro de quarto que jurava não roncar; e quem preferisse o salgueiro para chorarem juntos ante a goleada imposta ao time do coração.
Os novos hábitos dos moradores não passaram despercebidos dos funcionários, tanto que uma das cozinheiras começou a pedir sugestões para suas violetas sobre um novo cardápio que pretendia implementar.
É certo que esse “efeito dominó” chegou aos ouvidos dos três sócios da Casa de Repouso. E também é exato afirmar que nuvens cinzentas assomaram sobre suas cabeças, haja vista o temor de que essa moda pudesse manchar a excelente reputação de que desfrutavam, e, por conseguinte, comprometer futuros contratos.
Mas como todos sabiam que jamais poderiam impedir que alguém conversasse com as plantas; como era notório que a maneira de ser e de agir do jardineiro melhorara a vibração dos idosos; e como os seus responsáveis (pagantes) comentavam satisfeitos a visível transformação nos semblantes de seus parentes, o receio deu lugar ao pragmatismo, e o salário de seu João mereceu substancioso aumento – nada como tratar com carinho a galinha dos ovos de ouro!
Certo dia, o jardineiro percebeu que um dos moradores, mesmo tentando disfarçar, esforçava-se para ouvir os seus bate-papos com as plantas.
Seu João fez que não percebeu, e continuou conversando, risonho.
No outro dia, a mesma curiosidade. Foi quando o jardineiro, não se contendo, virou para o idoso e explicou que não se perturbava em dividir o assunto com quem quer que fosse, mas as roseiras eram um tanto melindrosas, e gostariam de saber do seu interesse.

É claro que o morador não sabia onde se enfiar. E, pedindo desculpas ao roseiral, passou a explicar o porquê tentava escutar o que falavam. Disse que não se envergonhava de falar com as plantas; muito pelo contrário, fazia-lhe muito bem. Mas as conversas travadas por seu João pareciam ser... reais! como se ele verdadeiramente ouvisse respostas, apelos, confissões!... E terminou confessando, um tanto sem jeito, que temia ficar como ele, um pouco... maluco.
O jardineiro, que não se ofendeu, explicou que fala com as plantas desde a infância. Mas foi na adolescência, quando os conflitos começaram a amontoar, que ele se perguntou se o que ouvia era mesmo verdade ou apenas fruto da imaginação. E como não queria que o apontassem como lunático, decidiu que só falaria com pessoas; não abriria exceção nem para os animais de estimação.
O idoso era só ouvidos.
Ao que parece, contudo, prosseguiu seu João, as plantas da redondeza não gostaram daquela decisão, e resolveram provar que ele nunca fora louco. Daí que, certa tarde, depois de ter pulado o muro do vizinho, quando alcançava a goiabeira, foi por ela avisado (aos gritos) para que estacasse, haja vista as urtigas plantadas em seu redor pelo dono da casa, com a intenção de dar uma lição no ladrãozinho. E ao prestar atenção, o adolescente constatou que havia, sim, mudas de urtiga-brava desejosas de serem roçadas pelos desavisados.
O idoso não teve coragem de comentar. Mas levantara a sobrancelha direita, o que lhe denunciava o pensamento.
O jardineiro, por sua vez, retrucou que os crisântemos que estavam próximos acabavam de assoprar-lhe um recado, mensagem esta que veio sendo passada de planta para planta.
O ouvinte franziu a testa. E seu João transmitiu o que recebera: A muda de boldo que ele cultivava em seu apartamento, e que sempre foi eficaz quando das crises de má digestão, concordava com o seu confidente sobre a ineficácia ulterior do seu chá e sobre a suspeita de uma úlcera. E o aconselhava a procurar o médico do Jardim das Hortênsias o mais rápido possível.
O morador arregalou os olhos!
Ora, como ele não comentou com ninguém sobre essa suspeita – salvo com sua muda de boldo, a baixíssima voz e na intimidade do seu quarto –, era evidente que o jardineiro podia, sim, ouvir perfeitamente tudo o que as plantas falavam!
E como essa comprovação abalou bastante o espírito do idoso, seu João teve que acudi-lo, pois desfalecia, e o amparou até o banco mais próximo.

Assim que bebeu um pouco de água, o morador sentiu-se melhor. E prometeu ir consultar-se com o médico no mesmo dia, no que foi estimulado pelo jardineiro.
Nem se precisaria dizer que aquele idoso espalhou o que presenciara aos quatro cantos da Casa de Repouso... E uma longa fila formou-se à porta da cozinha, onde sabiam que seu João apreciava um cafezinho recém-passado antes de ir embora.
E por quê? Porque todos queriam ouvir de suas plantas prognósticos acerca da saúde, opiniões sobre cláusulas testamentárias, conselhos relativos a pretensões amorosas, fofocas concernentes aos rivais de Bocha…
O jardineiro foi pego de surpresa. E se demorou um pouco para entender o que se passava, levou outro tanto para decidir o que faria.
Mas antes que fosse ter com os moradores, o gerente do Jardim das Hortênsias, seu Abelardo, entrou na cozinha e trancou a porta, deixando os idosos do lado de fora. Em seguida, pediu para que os funcionários os deixassem a sós, e eles se foram pela porta traseira, que dava para o pátio.
O administrador puxou de um banquinho e pediu para que seu João permanecesse sentado. O momento era delicado e precisavam pôr ordem na Casa de Repouso antes que a diretoria soubesse dos fatos e resolvesse intervir – Cabeças poderiam rolar...
De primeiro, seu Abelardo elogiou o jardineiro, haja vista todos saberem que sua maneira de trabalhar implicou benefícios efetivos para os moradores, para os funcionários, e, por consequência, para o Jardim das Hortênsias. De outra parte, disse que acorreu à cozinha assim que ficou sabendo que a fila formara-se em decorrência da crendice de que o jardineiro realmente ouvia o que as plantas falavam, ao contrário do que se passava com os demais, um monólogo travestido de diálogo.
Seu João ouvia com humildade.
Por fim, o gerente perguntou como poderiam acalmar os idosos para que a vida na Casa de Repouso voltasse à normalidade?
O jardineiro respondeu que a ideia que lhe veio à mente foi a de satisfazer a curiosidade dos idosos. Em outras palavras, toda vez que ele fosse cuidar de uma planta cultivada no interior de um dos aposentos, ele aproveitaria para servir de intérprete, caso o morador lhe fizesse alguma pergunta.
O administrador não sabia se ria ou ralhava. Mas como o burburinho aumentava, e como tal sugestão pareceu que contentaria os idosos, seu Abelardo engoliu a prevenção e acabou concordando. Pedia, contudo, que ele fosse contar a solução para a fila, enfatizando

que as interpretações só começariam no dia seguinte. Ademais, que pedisse respeito ao seu

horário de trabalho, paciência quanto à ordem de atendimento, e que não houvesse inquietação, visto que ninguém seria esquecido ou preterido.
De fato, tudo o que seu João disse e pediu foi acatado pelos moradores. E a fila desfez-se.
O gerente ficou satisfeito. E antes de retomar a rotina, pediu para o jardineiro, encarecidamente, que não causasse mais turbulências. Afinal, tinha família para sustentar, e perder o emprego não estava nos seus planos – Seu João concordou com um movimento de cabeça.
No dia seguinte, a cada vez que o jardineiro batia à porta de um apartamento – em que havia pelo menos um vaso cultivado –, deparava-se com o seu ocupante que, ansioso e sorridente, sentado ou em pé, o aguardava desde muito cedo.
Desta forma, tão logo terminasse a jardinagem, era bombardeado com várias perguntas, que traduzia da melhor forma possível.
E alegrava-se quando o idoso sorria ante a resposta de que seu filho estava a caminho, e que trazia esposa e netos para visitá-lo; de que os companheiros do Jardim das Hortênsias só fingiam ter esquecido o seu aniversário, que era surpresa; ou de que aquela dor que o atemorizava, longe de ser câncer, não passava de moléstia perfeitamente curável.
E divertia-se quando a planta recomendava ao idoso que não mais guardasse asinhas de frango debaixo do travesseiro visando a um lanchinho na madrugada; que parasse de tentar enganar a fisioterapeuta quanto ao número de agachamentos que jurava ter feito; ou que se abstivesse de urinar no jardim, pois era mentira que isso fazia bem à grama ou ao caule das amigas.
E admirava-se quando a moradora era advertida de que só voltariam a conversar se não mais ouvisse reclamações sobre sua demora em florir; se não priorizasse a navegação na Internet em detrimento da arte da frivolité; e se parasse de invejar a companheira do quarto ao lado, que lhe era mais velha e mais bem-disposta.
E condoía-se quando a planta tentava consolar a sua proprietária, que recebeu um telefonema contando sobre o falecimento de uma irmã; que deixou espatifar contra o chão o Casal Enamorado de biscuit que ganhara do falecido marido como presente de noivado; ou que ficou sabendo que aquela promoção veiculada por certa rede social, e que agarrou sem pestanejar, não passava de mais um golpe.
Súbito, essa rotina foi abalada por uma notícia que vazou e se espalhou mais rápido que fofoca em grupos de WhatsApp. Um dos diretores, o mais desconfiado, mandou fazer

uma auditoria nas contas da Casa de Repouso. E descobriram que uma fortuna vinha sendo desviada há pelo menos dois anos. A autoria, porém, era inconclusiva.
A revolta, por óbvio, tomou conta dos moradores, visto que ninguém gosta de saber que sua casa está sendo assaltada.
Os funcionários ficaram boquiabertos, menos pela indignação do que pelo medo de serem acusados.
Por força dessa hecatombe, aquele diretor convocou uma reunião com os outros sócios, com o auditor e com seu Abelardo para o mesmo dia. Era preciso agissem rapidamente, já que o autor dos desvios tudo faria para apagar suas pegadas.
Essa movimentação foi apreendida por alguns idosos. E os mais atilados logo se prontificaram a ajudar. Um, pondo à disposição toda a sua experiência de vida como contador; outro, gabando-se que elucidou vários casos de infidelidade conjugal, quando atuava como investigador particular; e um terceiro, garantindo que era amigo pessoal de um vidente de mão cheia.
A gerência agradeceu as iniciativas, mas as dispensou com a gentileza habitual.
E como ouvissem que a prisão do ladrão não tardaria, alternativas não tiveram aqueles moradores senão as de retomarem a pacatez de suas vidas.
O local escolhido para a reunião foi a sala de seu Abelardo, por ser mais reservada e confortável.
O auditor recebeu a palavra e esclareceu os fatos para quem ainda não os conhecia.
Terminada a explicação, a indignação só não se prolongou porque um dos sócios começou a espirrar – era a rinite que o atacava.
Como a frequência dos espirros só aumentava, o alérgico perguntou, à voz desesperada, se havia alguma planta por perto.
O gerente, que se envergonhava, apontou um canto esquecido do cômodo onde havia um vaso de grande porte que continha um ramo de artemísia e algumas gramíneas.
Com voz entrecortada pelos espirros, o sócio “pediu” para que sumissem com o vaso, uma vez que o pólen dessas plantas é, de longe, o principal responsável pelas alergias respiratórias.
Neste exato momento, seu João passava a poucos metros da janela.
O administrador gritou para que viesse ajudá-lo, já que o vaso era muito pesado para ser removido por uma só pessoa.

Assim que o jardineiro entrou, seu Abelardo mandou que o ajudasse a removê-lo –
Não houve sequer tempo para cumprimentos.

Só que no momento em que seu João se aproximou do vaso, as plantas pediram para que parasse e as escutasse com muita atenção.
O jardineiro ficou aturdido, pois o gerente agarrara o seu lado do vaso e já o questionava (com os olhos) sobre o motivo de não ter avançado.
E no átimo que medeia a ação e a reprimenda, as plantas, exaustas de serem mal cuidadas pelo administrador, resolviam desforrar-se.
A mensagem, ouvia-a seu João, perplexo!…
Nesse comenos, o sócio alérgico, porque indignado, questionou-os sobre a demora. E seu Abelardo, enérgico, mandou que o jardineiro agarrasse o vaso.
Toda essa aspereza foi percebida por um dos idosos que por ali passava. E como fosse bisbilhoteiro, tratou de aproximar-se da janela e apurar a escuta – Essa indiscrição chamou a atenção de outros moradores, que também se achegaram, curiosos.
Mas seu João não obedeceu àquela ordem. E, virando-se para a diretoria, pediu licença para repassar o que acabara de ouvir de suas novas pacientes.
Todos, é claro, arregalaram os olhos; sendo que o sócio atacado pela rinite até parou de espirrar.
O gerente, então, pediu, por entre dentes cerrados, para que o jardineiro calasse a boca e não o envergonhasse.
Mas seu João pouco se importou com a súplica. E tornou a pedir licença para repassar o que sabia.
O mais sereno dos sócios, porque achasse que o momento precisava de certo alívio, resolveu tomar a frente e deu a palavra para o jardineiro.
E antes que os outros sócios se insurgissem, seu João afirmava que o único responsável pelo desvio de dinheiro era ninguém menos que o próprio gerente!
Seria desnecessário dizer que as reações foram imediatas. O sócio que encomendou a auditoria soltou um “Valha-me Deus!...”; o alérgico, um “Que idiotice é essa?!”; o sossegado limitou-se a uma rápida risada; o auditor meneou a cabeça, em sinal de reprovação; e o administrador, ultrajado, teve gana de avançar no pescoço do jardineiro, mas recuou quando percebeu os idosos que o encaravam pela janela.
O desconforto era geral. Seu Abelardo, funcionário de longa data, sempre mereceu dos sócios total confiança; e dos subalternos, admiração e respeito. Como, agora, esse sujeitinho tinha a coragem de apontá-lo como criminoso, e, ainda por cima, baseando-se nos “testemunhos” de plantas?! Seria caso de internação em hospício, não fosse o fato de que o

sócio mais tranquilo se lembrava de que era 1º de abril – se a mentira fora muito bem urdida, não deixava de ser de extremo mau gosto.
Mas seu João retrucou que nada era mentira; reafirmou o que lhe disseram; e, de dedo em riste, chamou o gerente de ladrão.
Só não brigaram porque o sócio comedido interpôs-se entre ambos, dando tempo para que o auditor tomasse seu João pelo braço e o levasse para fora.
O jardineiro foi demitido em seguida. E partiu sem poder despedir-se de ninguém.
Os debates prosseguiram, mas de janelas fechadas e cortinas abaixadas. E concluíram que, por força das circunstâncias, o mais provável seria que o larápio suspendesse a atividade criminosa e se mantivesse na obscuridade por um bom tempo. No entanto, o auditor prometia, e por sua honra, que, na menor vacilada, ele o identificaria e o colocaria diante dos sócios.
Finda a reunião, e todos se foram. Menos o administrador, que ficou incumbido de achar uma justificativa para a demissão do jardineiro que pudesse ser oferecida aos moradores e aos funcionários de maneira a não criar revoltas nem estimular especulações.
Seu Abelardo sentou-se em sua poltrona, apoiou os cotovelos sobre a mesa, e pôs-se a esfregar as mãos.
Depois de alguns minutos, a justificativa corporificou-se, e o contentou.
Só que antes de apresentá-la, o gerente virou-se para as plantas, e sorriu.
Em seguida, levantou-se calmamente, saiu da sala a passos lentos, e dirigiu-se ao almoxarifado. E não foi preciso muito tempo para reencontrar o velho maçarico – tinha contas para acertar...

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre